



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Experiências precoces e vitimização por pares em
adolescentes portugueses: O efeito mediador da
vergonha e do *coping* com a vergonha**

Rute Simone Gomes Marques (rute.marques07@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, subárea de
especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas
Perturbações Psicológicas e Saúde, sob a orientação de Professor
Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo e de Professora Doutora Paula Vagos

Experiências precoces e vitimização por pares em adolescentes portugueses: O efeito mediador da vergonha e do *coping* com a vergonha

Resumo

Experiências precoces desfavoráveis, como o maltrato, a rejeição e o *bullying*, estão relacionadas com diversos tipos de psicopatologia. Nos últimos anos, vários estudos têm relacionado também a intensidade dos sentimentos de vergonha com o desenvolvimento de psicopatologia, mas escassos são os que exploram a relação desta emoção com a experiência de vitimização por pares na adolescência. Este estudo tem como objetivo geral explorar o possível papel dos sentimentos de vergonha atuais e dos estilos de *coping* com a vergonha como mediadores na relação entre as experiências precoces e a experiência de vitimização por pares. Para a realização deste estudo foi recolhida uma amostra de 178 participantes de uma população comunitária, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. Os principais resultados indicam que a centralidade das experiências precoces de vergonha e a falta de experiências de calor e de afeto na infância, predizem os níveis atuais de vergonha. Por sua vez, os níveis de vergonha atuais predizem os três tipos de vitimização (aberta, relacional e reputacional). Para além disto, as diferentes estratégias de *coping* com a vergonha parecem estar associadas apenas à Vitimização Aberta, não predizendo nenhum dos outros dois tipos de vitimização. A estratégia de *coping* com a vergonha Evitamento não se relaciona com nenhum tipo de vitimização, tal como era esperado. No geral, estes resultados levantam a hipótese de a vergonha poder ter um papel importante na experiência de vitimização por pares, predizendo-a no sentido positivo (quanto mais vergonha sentem os adolescentes, mais vítimas dos pares poderão ser). Estes resultados podem contribuir para o desenvolvimento de novas abordagens de prevenção e de intervenção psicoterapêutica com jovens que sejam vítimas de agressão pelos pares.

Palavras-chave: Experiências precoces, vergonha, *coping* com a vergonha, vitimização por pares

Early experiences and peer victimization in Portuguese adolescents: the mediator effect of shame and coping with shame

Abstract

Negative early experiences, such as abuse, rejection and bullying, are related to various types of psychopathology. In recent years, several studies have also related the intensity of current feelings of shame with the development of psychopathology, but few are those who explore the relation of that emotion with the experience of peer victimization in adolescence. This study aims to explore the possible role of current feelings of shame and associated coping with shame strategies as mediators in the relationship between early experiences and peer victimization. For this study was collected a sample of 178 participants from communitarian population, aged 15 to 19 years. The main results indicate that the centrality of early experiences of shame and the lack of experiences of warmth and safeness in childhood predict current levels of shame. In turn, current levels of shame predict the three types of peer victimization (overt, relational and reputational). In addition, the different strategies of coping with shame appear to be associated only to Overt Victimization, not predicting any of the other two types of peer victimization. Also note that the Avoidance coping with shame strategy is not related to any kind of victimization, as we expected. Overall, these results raise the hypothesis that shame may have an important role in the experience of peer victimization, predicting it in a positive way (as more adolescents feel ashamed, the more peer victims they may become). These results may contribute to the development of new approaches to prevention and psychotherapeutic intervention with young people who are victims of peer aggression.

Keywords: early experiences, shame, coping with shame, peer victimization

Agradecimentos

Ao Professor Daniel Rijo, por todos os ensinamentos, pela partilha de experiências e por não me deixar desmotivar ao longo deste percurso.

À Professora Doutora Paula Vagos, pelos conselhos essenciais, pela ajuda em momentos cruciais, pela paciência e pela disponibilidade constante.

À Marlene, por toda a ajuda, por ter estado sempre lá, pela simpatia, carinho, paciência e disponibilidade.

Ao Nélio, pelas partilhas, pela ajuda e sobretudo por me ajudar a manter a boa disposição em momentos difíceis.

Às colegas de tese, pelo espírito de entreaajuda, pelo tempo que partilhámos, pelas descobertas, pelo carinho, por todo o apoio. Um especial agradecimento à Rafaela, minha companheira de recolha de dados, por ter tornado esta etapa mais fácil e agradável e por se ter tornado uma amiga.

A todos os adolescentes que fizeram parte da minha amostra, pois sem a sua colaboração tudo seria mais difícil. Aos Senhores Diretores e Corpo Docente das escolas onde a amostra foi recolhida o meu muito obrigada pela confiança e disponibilidade demonstradas.

Às minhas amigas que fazem de Coimbra a cidade da saudade, Fátima, Catarina, Joana, Juliana, Andreia, Inês, Filipa... À minha companheira de todas as horas, Cláudia, por estar sempre por perto. À Pauliana, pelas horas de trabalho e de lazer que partilhámos ao longo deste ano, por toda a ajuda em todos os momentos.

À Magda, por ser a amiga incondicional que é, por me apoiar e compreender as minhas ausências e por acreditar sempre em mim.

Ao Luís, por ser um verdadeiro companheiro, por caminhar ao meu lado há tantos anos, sem nunca questionar os meus caminhos. Por todo o apoio, pela paciência, pelos mimos e pela força que sempre me deu.

À minha mãe, que me permitiu seguir o meu sonho e me ajudou a alcançá-lo. Ao meu pai, ao meu irmão e restante família, pelo orgulho que demonstram ter pelas minhas conquistas.

A Coimbra... a Cidade que levo no coração, que tanto me deu nestes 5 anos... "Capa Negra usei, por Coimbra me apaixonei".

Índice

	<i>página</i>
Introdução	1
1 - Enquadramento teórico	2
Artigo: “Early experiences and peer victimization in Portuguese adolescents: the mediator effect of shame and coping with shame”	10
Abstract	10
Introduction	11
Method	17
<i>Participants</i>	17
<i>Measures</i>	17
<i>Procedures</i>	21
<i>Data Analysis</i>	22
Results	23
<i>Descriptives</i>	23
<i>Correlation analysis</i>	24
<i>Path Analysis</i>	24
Discussion	28
Limitations and future research	32
References*	34
Discussão geral	35
Bibliografia geral	42

Introdução

A dissertação apresentada seguidamente, aborda a relação existente entre as experiências precoces de vergonha e de calor e afeto, a vergonha atual, o *coping* com a vergonha e as experiências de vitimização por pares de adolescentes portugueses. A escolha deste tema deveu-se à novidade que o mesmo comporta, uma vez que, até onde foi possível apurar, as variáveis em estudo ainda não haviam sido associadas em investigações anteriores. Deste modo, parece pertinente analisar a relação existente entre as mesmas, por forma a melhor compreender o fenómeno da violência entre pares adolescentes, nomeadamente as características das vítimas.

A vergonha tem sido associada a diversos problemas de saúde mental, existindo um crescente interesse por parte dos investigadores em estudá-la e compreender os seus efeitos. Apesar da sua relação com diversos quadros psicopatológicos, a vergonha ainda não fora associada à agressividade entre pares adolescentes, em particular ao modo de funcionamento das vítimas, o que acrescenta relevância à investigação desenvolvida neste trabalho.

Assim sendo, neste estudo pretende-se, primeiramente, perceber a influência das experiências precoces (i.e., a centralidade das memórias de vergonha e as memórias de calor, afeto e segurança) nos níveis de vergonha sentidos atualmente e na experiência de vitimização pelos pares. Num segundo momento pretende-se explorar o contributo da vergonha para a experiência de vitimização pelos pares. Deste modo, tenta-se perceber se a vergonha em si influencia o fenómeno de vitimização por pares, e ainda se os estilos de *coping* com a vergonha aumentam esta influência.

Esta dissertação divide-se em três partes. A primeira parte é o enquadramento teórico mais aprofundado das variáveis em estudo, uma vez que no corpo do artigo principal não é possível uma revisão teórica tão alargada, devido ao limite de páginas imposto. A segunda parte consiste num artigo científico, escrito em língua inglesa, onde é apresentado o estudo realizado, e cujo formato e organização seguem as normas da revista *Journal of Adolescence*, para a qual se pretende submeter o mesmo, posteriormente. A decisão do desenvolvimento deste trabalho no formato descrito deve-se à inovação que este estudo comporta, sendo relevante a sua publicação para

acesso da comunidade científica. Por último, na terceira parte será apresentada uma discussão geral, em português, na qual são debatidos mais aprofundadamente alguns dos resultados obtidos e apresentadas possíveis direções para investigações futuras relativas ao estudo da vergonha e das experiências de vitimização por pares (que não foi possível integrar na discussão do artigo, por questões práticas).

Os resultados encontrados neste estudo poderão contribuir para uma melhor conceptualização do fenómeno da vitimização por pares, que acontece com adolescentes nas escolas um pouco por todo o país e também a nível mundial. Pode ainda ser útil ter em conta os dados desta investigação aquando do desenvolvimento de programas, quer de prevenção quer de intervenção, com adolescentes vítimas de agressão por pares. Entender as fragilidades das vítimas pode melhor direcionar a intervenção para a sua autoproteção, quando a intervenção comum tem sido na diminuição dos comportamentos praticados por agressores (ao invés do aumento dos comportamentos de autoproteção e sucesso social praticados pelas vítimas). Isto poderá fazer com que se consiga prevenir a re-vitimização, impedindo o estabelecimento de um “ciclo vicioso”, em que experiências de vitimização sejam uma constante (não apenas na adolescência, mas ao longo do ciclo de vida).

1. Enquadramento Teórico

1.1. Experiências Precoces

A importância das experiências precoces na infância, no que diz respeito ao desenvolvimento físico, psicológico e social, tem sido demonstrada pela literatura (Gerhardt, 2004; Shore, 1994). Experiências precoces de calor/afeto e segurança contribuem de forma positiva para a saúde mental dos indivíduos, promovem a autoestima, a felicidade, o afeto positivo e uma visão de si e dos outros mais favorável (Cheng & Furnham, 2004; DeHart, Pelham, & Tennen, 2006; Gross & Hansen, 2000; Mikulincer & Shaver, 2004). Pelo contrário, experiências precoces ameaçadoras, como o abuso, o maltrato, a rejeição parental, o criticismo e o *bullying*, têm sido associadas a maior vulnerabilidade para a psicopatologia e a fraco

ajustamento sociopsicológico na idade adulta (Bennett, Sullivan, & Lewis, 2005; Gilbert, Allan, & Goss, 1996; Gilbert, Baldwin, Irons, Baccus, & Palmer, 2006; Irons, Gilbert, Baldwin, Baccus, & Palmer, 2006; Matos & Pinto-Gouveia, 2010; Turner, Finkelhor, Hamby, & Shattuck, 2013) e também a sentimentos de vergonha (Lewis, 1992; Stuewig & McCloskey, 2005). Estas experiências negativas podem ainda ser codificadas como memórias traumáticas (Matos & Pinto-Gouveia, 2010; Matos, Pinto-Gouveia, & Duarte, 2012; Pinto-Gouveia & Matos, 2011). Além disto, as memórias de eventos com relevância pessoal, funcionam como pontos de referência para a atribuição de significado a experiências futuras, bem como para a criação de expectativas para outras situações (Bernsten & Rubin, 2006). Se esses eventos precoces, relevantes para o sujeito, forem experiências de vergonha, as suas características influenciarão a formação de auto-crenças e poder-se-ão tornar descritoras do *self* como inferior, incapaz, rejeitado e falhado (Cunha, Matos, Faria, & Zagalo, 2012; Gilbert, 1998).

As experiências precoces, nomeadamente com a família, têm sido apontadas como fator de vulnerabilidade (e.g. parentalidade mal-adaptativa, abuso, negligência) e também de proteção (e.g. boa comunicação, relações de calor e afeto) para a vitimização por pares (Lereya, Samara, & Wolke, 2013). Também Duncan (2004) descobriu que o maltrato na infância coloca rapazes e raparigas em risco para a vitimização por pares.

1.2. Vergonha

A vergonha tem sido definida como o “afeto da inferioridade”, nuclear para a construção da identidade (Kaufman, 1996), que surge na sequência de uma exposição mais íntima do *self* (Nathanson, 1987). Considerada uma das emoções mais poderosas e dolorosas (Tangney & Dearing, 2002), a vergonha emerge devido à preocupação espoletada pela perceção de ameaça ao *self*, motivando comportamentos para restaurar a imagem positiva de si (Hooge, Zeelenberg, & Breugelmans, 2010). Gilbert (1998; 2002; 2010) e Kaufman (1996) descrevem a vergonha como podendo ser interna, quando é um sentimento privado, que surge de julgamentos negativos pessoais a atributos, características, sentimentos ou fantasias próprios, que influenciam o modo como o sujeito se sente; ou externa, quando é uma experiência social, em que surgem perceções de se ser julgado

pelos outros como inferior, defeituoso ou não atrativo/não desejado, o que poderá resultar em rejeição e desvalorização. Segundo Gilbert (2010), existe uma relação estreita entre a vergonha interna e externa, isto é, aquilo que a pessoa pensa acerca de si vai influenciar o modo como pensa que os outros a veem.

Face a estas características, é fácil de compreender que a vergonha esteja associada a vários tipos de psicopatologia, como a ansiedade (e.g. Irons & Gilbert, 2005), a depressão (e.g. Allan, Gilbert & Goss, 1994; Cheung, Gilbert, & Irons, 2004), a perturbação de stress pós-traumático (e.g. Leskela, Dieperink, & Thuras, 2002), perturbações alimentares (e.g. Matos, Ferreira, Duarte, & Pinto-Gouveia, 2014) e perturbações da personalidade (e.g. Rüsçh et al., 2007). Apesar da literatura ser extensa no que diz respeito a investigações que envolvam a vergonha, até à data, a influência desta variável na vitimização por pares na adolescência é uma área ainda por explorar. Menesini e Camodeca (2008) obtiveram resultados interessantes no seu estudo com adolescentes, em que as vítimas dos pares, quando comparadas a não-vítimas, evidenciaram maiores níveis de vergonha, menos autoestima, mais baixa eficácia nas situações sociais e ansiedade acerca de serem o foco dos outros.

1.3. Vitimização por pares

Sendo uma questão bastante presente e preocupante nas sociedades atuais e tendo até sido classificada como um problema de saúde pública da infância, numa resolução da *American Psychological Association* (APA) de 2004, a vitimização por pares é um dos problemas mais proeminentes da adolescência (Sijtsema, Rambaran, & Ojanen, 2013). Esta fase do ciclo de vida é caracterizada pela importância atribuída ao grupo de pares e pela busca de relações importantes afetivamente (Marsh, Allen, Ho, Porter, & McFarland, 2006). No entanto, muitos jovens não são aceites pelo grupo de pares, sendo rejeitados e podendo vir a sofrer agressões pelos mesmos (Hodges, Peets, & Salmivalli, 2009). A vitimização por pares é a experiência de ser vítima de agressão perpetrada por pares, com intenção de magoar o outro (Archer & Coyne, 2005). A definição deste conceito engloba ainda uma divisão por categorias cuja denominação não é consensual entre os autores, existindo quem distinga entre vitimização direta/física (e.g. Paquette

& Underwood, 1999) e aberta (e.g. Prinstein, Boergers, & Vernbeg, 2001) por um lado, e entre indireta (e.g. Lagerspetz, Björkqvist, & Peltonen, 1988), relacional (e.g. Crick & Grotpeter, 1995), social (e.g. Cairns, Cairns, Neckerman, Ferguson, & Gariépy, 1989) e reputacional (e.g. Prinstein & Cillessen, 2003), por outro. Para a investigação decorrente deste trabalho optou-se por utilizar as denominações de vitimização aberta e de vitimização relacional e reputacional. Segundo Crick e Bigbee (1998), por vitimização aberta entende-se ser magoado por outros através de danos físicos ou da ameaça desses danos, como por exemplo ser pontapeado ou socado, ser-lhe dito que será agredido fisicamente caso não faça determinada ação, ou ser insultado. Por sua vez, a vitimização relacional consiste em ser magoado por outros através da manipulação das suas relações de pares ou amigos, como ser excluído por um colega de um grupo propositadamente e por vingança, por exemplo. Já a vitimização reputacional advém de uma forma de agressão que visa prejudicar a reputação social da vítima junto do grupo de pares, por exemplo, através da criação de rumores e boatos e denegrindo a imagem da vítima perante os outros (Prinstein & Cillessen, 2003).

Uma vez que são conceitos muitas vezes confundidos e utilizados com o mesmo sentido, embora signifiquem coisas diferentes (Finkelhor, Turner, & Hamby, 2012), parece pertinente distinguir entre Vitimização por Pares e *Bullying*. Segundo Olweus (2010), o *bullying* consiste num conjunto de incidentes de agressão, repetidos no tempo, com intenção de causar dano, onde existe um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, sendo difícil para o segundo defender-se do primeiro. Ora, como explanado acima, a vitimização por pares não exige qualquer requisito temporal nem de frequência, bem como não exclui casos em que agressor e vítima estão ao mesmo nível em termos de poder (Harris, 2009), sendo um conceito mais abrangente.

Posto isto, segundo alguns autores (Fox & Boulton, 2005; Perry, Kusel, & Perry, 1988; Perry, Williard, & Perry, 1990), as vítimas de agressão por pares possuem algumas características que podem propiciar o início e a manutenção dos comportamentos de agressividade que lhe são dirigidos, exibindo comportamentos que indiciam que não vão ser capazes de se defender contra possíveis ataques: choram facilmente, são manifestamente ansiosas, têm fraco sentido de humor, falta de autoconfiança, baixa autoestima, usam estratégias de persuasão ineficazes e

muitas vezes respondem à agressão sendo submissos e cedendo recursos próprios em favor dos agressores. Estes adolescentes muitas vezes apresentam também problemas de baixo autocontrole, colocando-se em situações que aumentam a probabilidade de serem vítimas, uma vez que apresentam comportamentos externalizantes que irritam e provocam os pares (Jensen-Campbell, Knack, Waldrip, & Ramirez, 2009). Talvez por temerem retaliações por parte dos agressores e por terem vergonha da percepção que os pares teriam de si, muitas vítimas não procuram ajuda, o que acaba por perpetuar os episódios de vitimização (Bijttebier & Vertommen, 1998; Naylor, Cowie, & del Rey, 2001), gerando-se ciclos de re-vitimização (Finkelhor, Ormond, & Turner, 2007; Widom, Czaja, & Dutton, 2008). Assim, a vitimização pode interferir no processo normal de desenvolvimento e causar problemas de ajustamento emocional (Prinstein et al., 2001).

Vários estudos têm associado a vitimização, quer aberta, quer relacional e reputacional, a outras variáveis, tentando explicar as suas causas e consequências: défices nas competências sociais (Fox & Boulton, 2005), abuso de substâncias, agressividade e comportamento delinvente (Sullivan, Farrel, & Kliewer, 2006), ajustamento psicossocial (Crick & Bigbee, 1998; Cullerton-Sen & Crick, 2005; Loukas, Ripperger-Suhler, & Herrera, 2012; Prinstein, et al., 2001), problemas internalizantes (De Los Reys & Prinstein, 2004; Ranta, Kaltiala-Heino, Pelkonen, & Marttunen, 2009; Shapero, Hamilton, Liu, Abramson, & Alloy, 2013; Siegel, Greca, & Harrison, 2009; Tran, Cole, & Weiss, 2012), clima escolar (Elsaesser, Gorman-Smith, & Henry, 2013; Goldstein, Young, & Boyd, 2008; Putallaz et al., 2007) e relações de amizade (Bagwell & Schmidt, 2011; Sijtsema et al., 2013; Zimmer-Gembeck et al., 2013).

1.4. Vergonha e Vitimização por pares

Como já foi referido anteriormente, a relação entre vergonha e vitimização por pares tem sido pouco estudada, contudo parece plausível que se considere relacionar estas variáveis. Segundo Crick e Bigbee (1998) a vitimização por pares providencia um feedback claro acerca do pouco ajustamento do jovem ao seu grupo de pares, o que pode levar a avaliações negativas de si e dos outros. Ao avaliarem o *self* negativamente com base nas suas experiências negativas com os pares, os jovens podem desenvolver

problemas internalizantes (vendo-se como mercedores do maltrato por parte dos colegas) ou podem ter dificuldade em afirmar-se em situações sociais futuras (podendo tornar-se submissos devido à falta de autoconfiança). Por outro lado, ao avaliarem os outros negativamente numa experiência de vitimização, podem desenvolver problemas de autocontrolo (demonstrando dificuldades no controlo da raiva e da impulsividade), muitas vezes ao serviço de objetivos que visam a retaliação (Crick & Bigbee, 1998).

Por forma a tentar perceber se a vitimização por pares pode ser considerada uma consequência dos sentimentos de vergonha, apresenta-se, de forma sucinta, o modelo biopsicossocial da vergonha proposto por Gilbert (2002) que vai ao encontro do postulado por Crick e Bigbee (1998). Este modelo integra a perspetiva da psicologia evolucionária, especificamente a teoria das mentalidades sociais (Gilbert, 1989, 1995, 2000, 2005), assim como a teoria da vinculação (e.g., Bowlby, 1969, 1973) e uma abordagem biopsicossocial (e.g., Gilbert, 1995) e parte do princípio que existe uma necessidade inata para estimular afeto positivo na mente dos outros, o que nos permite estabelecer vínculos dentro e fora do nosso ambiente familiar, vínculos esses necessários ao desenvolvimento salutar. Já as relações interpessoais desenvolvem-se num determinado contexto, podendo este ser favorável ou hostil, e influenciando ainda o que é ou não considerado atrativo e aceitável. As experiências vividas nesse ambiente indicam se o indivíduo é considerado atraente, aceite, pertencente ou se, pelo contrário, é visto como pouco atraente e vulnerável em situações sociais (Gilbert & Irons, 2009). Central para o modelo é a vergonha externa, dado que quando percecionamos afeto negativo por parte dos outros, isto é, quando sentimos que não somos aceites, que os outros nos criticam, evitam ou excluem, o sentimento de vergonha externa é ativado. Esta perceção de uma visão negativa do outro em relação ao *self* é experienciada como uma ameaça, podendo ativar diferentes tipos de defesas. Uma possível resposta relaciona-se com a atribuição interna da experiência - o sujeito identifica-se com a avaliação negativa, autocritica-se e adota um comportamento submisso. Uma outra resposta pode ser a atribuição externa da experiência, isto é, o sujeito atribui intenções malévolas ao outro, o que implica sentimentos de raiva e desejo de retaliação, pois sente-se humilhado (Gilbert, 1998).

1.5. *Coping* com a Vergonha

Face ao exposto anteriormente, pode pensar-se que a forma como se interpreta a vergonha sentida é que dita a forma como se vai agir. Assim, é importante perceber a influência da maneira como se lida com a vergonha sentida, mais do que a experiência da vergonha *per se*, para o desenvolvimento de psicopatologia (Elison, Lennon, & Pulos, 2006a) e neste caso específico, da vitimização por pares. Neste sentido, de modo a explorar melhor esta premissa, expõe-se o modelo proposto por Nathanson (1992) denominado *Compass of Shame* (i.e., *Bússola da Vergonha*) que descreve quatro estilos de *coping* com a vergonha maladaptativos: Fuga, Ataque-Self, Evitamento e Ataque-Outro. Cada um destes estilos de *coping* tem características próprias, que se associam a diferentes comportamentos e sentimentos face à experiência de vergonha, e ainda a diferentes tipos de psicopatologia (Elison, Pulos, & Lennon, 2006b). Na estratégia de *Fuga*, o sujeito reconhece a experiência como negativa, aceita a mensagem de vergonha como sendo válida e tenta retirar-se ou esconder-se da situação de modo a limitar a exposição à vergonha e, conseqüentemente, reduzir o desconforto provocado pela mesma; no *Ataque ao Self*, a experiência é reconhecida como negativa, a mensagem de vergonha é vista como válida e o sujeito culpa-se e deprecia-se, dirigindo a si os sentimentos negativos provocados pela experiência de vergonha, com o objetivo de assim poder ganhar a aceitação por parte dos outros; a estratégia de *Evitamento* caracteriza-se pelo não reconhecimento da experiência negativa como sendo sua, recusando a mensagem de vergonha como válida e tentando distrair-se a si e aos outros dessa mesma experiência, por forma a minimizar a experiência consciente de vergonha ou mostrar-se acima desta; por fim, na estratégia de *coping* de *Ataque ao Outro*, o sujeito pode não reconhecer a experiência negativa como sendo sua e não aceita a mensagem de vergonha, tentando culpabilizar os outros, no sentido de os inferiorizar e dirigindo-lhes a raiva sentida (através de agressões físicas ou verbais), com a finalidade de engrandecer a própria imagem e exteriorizar a vergonha. As duas primeiras estratégias descritas são consideradas internalizantes, pois a mensagem de vergonha é reconhecida, aceite e dirigida ao *self*. Já as duas últimas estratégias são vistas como externalizantes, uma vez que a mensagem de vergonha não é reconhecida nem aceite, sendo que os sujeitos minimizam os

seus efeitos, disfarçando-os ou atribuindo-os aos outros (Elison et al., 2006a; Elison et al., 2006b).

Até ao momento não são conhecidos estudos que associem estes estilos de *coping* com a vergonha à experiência de vitimização por pares, sendo por isso necessário entender o papel destas estratégias nesta experiência (dado a literatura apontar para a influência destes estilos de *coping* em diversas patologias e de ser reconhecida a importância desta variável na violência entre pares, nas escolas; e.g. Elison et al., 2006b). Um estudo de Morrison (2006) comprovou que as vítimas de agressão pelos pares, em situações de conflito, utilizam estratégias para lidar com a vergonha diferentes das dos agressores, i.e., reconhecem que sentem vergonha e que agiram mal para com o outro.

Assim, este trabalho testará, pela primeira vez, a ligação existente entre estas variáveis, numa amostra de adolescentes da população comunitária, de modo a tentar perceber se existe (ou não) influência da maneira como os jovens lidam com a vergonha sentida sob o facto de serem vítimas de agressão por parte dos pares, e ainda que relações existirão entre cada um dos estilos de *coping* e cada um dos tipos de vitimização analisados (aberta, relacional e reputacional). Desta forma pretende-se entender se são estes estilos de *coping*, mais do que a vergonha por si só, a influenciar estas variáveis.

Posto isto, com este estudo, espera-se contribuir para o aumento do conhecimento acerca do modo de funcionamento das vítimas de agressão por pares na adolescência, por forma a poder melhor direccionar as estratégias de prevenção deste fenómeno, bem como as intervenções com esta população.

Early experiences and peer victimization in Portuguese adolescents: the mediator effect of shame and coping with shame

Rute Marques*

Faculty of Psychology, University of Coimbra, Portugal

Abstract

Early negative experiences such as different kinds of abuse, rejection by others, criticism and humiliation have been cited as shame predictors. Some studies points out to experiences of peer victimization linked with the same kind of early experiences. Recently, specific studies have found a consistent association between higher levels of shame and different types of psychopathology. There are few studies focused on the association between shame and peer victimization, and none regarding the influence of shame coping strategies in this experience. This study aimed to explore the mediator role of current shame feelings and shame coping styles between early experiences and peer victimization. Participants were 178 adolescents from a communitarian sample, aged between 15 and 19 years old. The main results suggested that current levels of shame and shame coping styles may play a role in the explanation of peer victimization, namely in overt victimization.

Keywords: early experiences, shame, coping with shame, peer victimization

*Corresponding author. Adress: Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Rua do Colégio Novo, apartado 6153, 3001-802 Coimbra, Portugal.

Email address: rute.marques07@gmail.com (Rute Marques)

Introduction

The impact of early childhood experiences, regarding to physical, psychological and social development, has been largely demonstrated in the literature (Gerhardt, 2004; Shore, 1994). Early experiences of warmth/ affection and safeness contributes positively to mental health, for a more favorable vision of themselves and others, promote self-esteem, happiness, and positive affect (Cheng & Furnham, 2004; DeHart, Pelham, & Tennen, 2006; Gross & Hansen, 2000; Mikulincer & Shaver, 2004). Moreover, early threatening experiences, such as abuse, maltreatment, parental rejection, criticism and bullying have been linked to an increased vulnerability to psychopathology and poor social-psychological adjustment in adulthood (Bennett, Sullivan, & Lewis, 2005; Gilbert, Allan, & Goss, 1996; Gilbert, Baldwin, Irons, Baccus, & Palmer, 2006; Irons, Gilbert, Baldwin, Baccus, & Palmer, 2006; Matos & Pinto-Gouveia, 2010; Turner, Finkelhor, Hamby, & Sahttuck, 2013), and also for feelings of shame (Lewis, 1992; Stuewig & McCloskey, 2005). Those negative early experiences are a risk factor for victimization too (Lereya, Samara, & Wolke, 2013; Duncan, 2004). Early negative experiences can also be coded as traumatic memories (Matos & Pinto-Gouveia, 2010; Matos, Pinto-Gouveia, & Duarte, 2012; Pinto-Gouveia & Matos, 2011). Furthermore, memories of events with personal relevance, act as reference points for the attribution of meaning to future experiences. Besides, those memories create expectations for other situations (Bernsten & Rubin, 2006). If these early and relevant events are shame experiences, their characteristics influence the development of self-beliefs and can become descriptors of the self as inferior, incapable, rejected and failed (Gilbert, 1998; Cunha, Matos, Faria, & Zagalo, 2012).

Shame has been defined as the “*affect of inferiority*”, central to identity formation (Kaufman, 1996), which arises from a more intimate exposure of the self (Nathanson,

1987). Considered one of the most powerful and painful emotions (Tangney & Dearing, 2002), shame emerges due to concern triggered by the perception of threat to self, motivating behaviors to restore the positive image of themselves (Hooge, Zeelenberg, & Breugelmans, 2010). Gilbert (1998, 2002, 2010) and Kaufman (1996) described shame as being internal, when it is a private feeling, which arises from negative personal judgments to the own attributes, characteristics, feelings or fantasies, that influence how individuals feel; or external, when it is a social experience, with perceptions of being judged by others as inferior, defective or unattractive/unwanted, which may result in rejection and devaluation. According to Gilbert (2010), there is a close relationship between internal and external shame, i.e., what the person thinks about themselves will influence how he/she thinks others see him/her.

Given these characteristics, it is easy to understand that shame is associated with various types of psychopathology, such as anxiety (e.g. Gilbert & Irons, 2005), depression (e.g. Allan, Gilbert, & Goss, 1994; Cheung, Gilbert, & Irons, 2004), post-traumatic stress disorder (e.g. Leskela, Dieperink, & Thuras, 2002), eating disorders (e.g. Matos, Ferreira, Duarte, & Pinto-Gouveia, 2014) and personality disorders (e.g. Rüsck et al., 2007). Although the literature is extensive about shame related problems, to date, the influence of this variable on peer victimization in adolescence remains an unexplored area. Menesini and Camodeca (2008) obtained interesting results in their study, in which victims compared with non-victims, showed higher levels of shame, less self-esteem, lower efficacy in social situations and anxiety about being the focus of the other.

Because shame is related to so many different psychological disorders, the explanation for the difference in thoughts, feelings and behaviors may rely on how each person cope with his/her own shame feelings (Elison, Pulos, & Lennon, 2006b).

Nathanson's Compass of Shame Model (1992) suggests that there are four maladaptive shame coping styles, namely: Withdrawal (withdraw or hide in order to limit shameful exposure); Attack Self (criticize the self, conform or show reverence to others, aiming to gain acceptance by them); Avoidance (preventing the conscious experience of shame, dissembling it), and Attack Other (an attempt to preserve one's own self-image and externalize his/her shame by making someone else feel inferior). The first two strategies described above are considered internalizing ones because the message of shame is recognized, accepted and directed to the self. In turn, the last two strategies are seen as externalizing, since the message of shame is not recognized or accepted, and the subjects minimize their effects, disguising them or attributing them to others (Elison, Lennon, & Pulos, 2006a; Elison et al., 2006b).

To date, there were no studies relating maladaptive shame coping strategies with peer victimization. Thus, if it is the way each cope with shame, and not the experience of shame *per se*, that distinguish thoughts, behaviors and feelings, it is necessary to understand the role of these strategies in peer victimization.

Being a very present and troubling issue in contemporary societies and having even been classified as a public health problem of childhood, in a resolution of the American Psychological Association (2004), victimization by peers is one of the most prominent problems in adolescence (Sijtsema, Rambaran, & Ojanen, 2013). This stage of development is characterized by the assigned importance to peer group and by significant and affective relationships (Marsh, Allen Ho, Porter, & McFarland, 2006). However, many young people may be rejected or can eventually suffer some kind of aggressions (Hodges, Peets, & Salmivalli, 2009). Peer victimization is the experience of being a victim of intentional aggression perpetrated by peers (Archer & Coyne, 2005). The definition of this concept also includes a division by categories whose designation

is not consensual among authors (Archer & Coyne, 2005). For this research we chose to use the designations of overt victimization, relational victimization and reputational victimization. Overt victimization is meant to be hurt by others through physical damage or the threat of such damage, such as being kicked or punched, be told he/she will be physically assaulted if they do not do certain action, and be insulted. In turn, relational victimization is to be hurt by others through the manipulation of their peer relationships or friends, like to be excluded by a colleague of a group purposefully and revengefully (Crick & Bigbee, 1998). Lastly, reputational victimization comes from a form of aggression that is intended to affect the social reputation of the victim near to the peer group, for example by creating rumors and gossip and tarnish the image of the victim toward others (Prinstein & Cillessen, 2003).

According to some authors (Perry, Kusel, & Perry, 1988; Perry, Williard, & Perry, 1990), victims have some features that can facilitate the initiation and maintenance of aggression by peers, exhibiting behaviors that indicate that they will not be able to defend against potential attacks: cry easily, show clear signs of anxiety, weak sense of humor, lack of confidence, low self-esteem, use persuasion strategies ineffectively and often respond to aggression being submissive and giving own resources in favor of the attackers. Perhaps for fear of retaliation, and for shame feelings about the peers perceptions of themselves, many victims do not seek help, which ultimately perpetuates episodes of victimization (Bijttebier & Vertommen, 1998; Naylor, Cowie, & del Rey, 2001), creating re-victimization cycles (Finkelhor, Ormond, & Turner, 2007; Widom, Czaja, & Dutton, 2008). Thus, victimization can interfere with normal development and cause emotional adjustment problems (Prinstein, Boergers, & Vernberg, 2001).

Several studies have associated peer victimization, whether overt, relational or

reputational form, to other variables, like psycho-social adjustment, internalizing problems, friendship or school climate, trying to explain its causes and consequences (e.g. Bagwell & Schmidt, 2011; Crick & Bigbee, 1998; De Los Reyes & Prinstein, 2004; Elsaesser, Gorman-Smith, & Henry, 2013; Zimmer-Gembeck et al., 2013; Goldstein, Young, & Boyd, 2008; Loukas, Ripperger-Suhler, & Herrera, 2012; Prinstein, et al., 2001; Putallaz et al., 2007; Ranta, Kaltiala-Heino, Pelkonen, & Marttunen, 2009; Shapero, Hamilton, Liu, Abramson, & Alloy, 2013; Siegel, Greca, & Harrison, 2009; Sijtsema et al., 2013; Tran, Cole, & Weiss, 2012).

As mentioned earlier, there are few studies that test the relationship between shame and victimization by peers, yet it seems plausible deemed to relate them. According to Crick and Bigbee (1998) peer victimization provides a clear feedback about the poor adjustment of the young to its peer group, which may lead to negative evaluations of themselves and others. When assessing the self negatively based on their negative experiences with peers, adolescents can develop internalizing problems (seeing themselves as deserving of mistreatment by colleagues) or they may have difficulty affirming themselves in future social situations (may become submissive due to lack of confidence). On the other hand, when evaluating others negatively in a victimization experience, adolescents may develop self-control problems (demonstrating difficulties in controlling anger and impulsivity), often to objectives that aim to retaliate (Crick & Bigbee, 1998).

The Biopsychosocial Model of Shame proposed by Gilbert (2002) is consistent with the postulated by Crick and Bigbee (1988) for peer victimization. This model assumes that there is an innate need to stimulate positive affect in the minds of others, which allows us to establish bonds within and outside of our home environment. These bonds are necessary to healthy development. In turn, the interpersonal relationships are

developed in a certain context, which may be favorable or hostile, influencing what is or is not considered attractive and acceptable. The experiences in this environment indicate whether the individual is considered attractive, accept or owned, or if he/she is seen as unattractive and vulnerable in social situations (Gilbert & Irons, 2009). Central to the model is the external shame, because when we perceive negative affect on the part of others, i.e., when we feel that we are not accepted, that others criticize, avoid or exclude us, the external sense of shame is activated. This perception of a negative view of the other in relation to the self is experienced as a threat, and may activate different types of defenses. One possible answer relates to the internal attribution of the experience - the subject identifies with the negative evaluation, criticizes himself and takes a submissive behavior. Another answer may be the external attribution of the experience, i.e., the subject attributes malevolent intentions to others, what implies feelings of anger and desire for retaliation because he feels humiliated (Gilbert, 1998).

This study explored the link between the centrality of memories of early shame experiences and memories of early warmth and safeness experiences. Then the influence of those kinds of memories in current levels of shame and in peer victimization was addressed. The mediational role of shame, between memories of early life experiences and peer victimization was investigated, and finally it was tested if specific shame coping styles influences the experience of becoming a victim of aggression by peers. Thus, we hypothesize that the centrality of memories of early shame experiences and the memories of early experiences of warmth and safeness are related, in a negative sense. Furthermore, it is expected that both kind of memories influenced the current levels of shame, namely external shame, and may be possible predictors of overt, relational and reputational victimization by peers. Current levels of shame are expected to predict the three forms of peer victimization. It is also expected

that maladaptive shame coping strategies increases the explanatory power of the model and relates directly and indirectly to overt, relational and reputational victimization by peers. The Avoidance strategy is not expected to be related to peer victimization, once is thought to be the more incongruent with victim's characteristics. In turn, Attack Self, Attack Other and Withdrawal coping strategies are expected to have direct and indirect effects on peer victimization, once they are congruent strategies with what is known about the functioning mode of peer victims.

Method

Participants

Participants in this study were 178 subjects recruited from four Portuguese public schools, between the seventh and the twelfth grade. Participant's mean age was 16.22 years ($SD=1.146$; age ranging from 15 to 19 years), 55.1% were girls ($n=98$) and 44.9% were boys ($n=80$). The mean number of years in education was 9.43 ($SD= 1.202$), and the majority of the students never repeated (70.1%). Regarding the economical status, 59.7% of the participants were classified as having a lower economical status ($n=105$); 35.8% were from a medium economical status ($n=63$) and 4.5% ($n=8$) were from a high economical status (due to missing data, was not possible to determine the economical status of two of the participants).

Measures

Early Memories

Centrality of event scale (CES; Berntsen & Rubin, 2006) it is a self-report scale that measures the extent to which a memory of a stressful event is a reference point to individual's identity and for the attribution of meaning for other experiences in a

person's life. It consists of 20 items, rated on a five-point *Likert* scale (1= *totally disagree*, 5= *totally agree*) that assesses: reference points for everyday inferences, turning points in life stories and components of personal identity. Scores can range from 20 to 100. In its original study, CES reported a high internal consistency (Cronbach's $\alpha = .94$). CES was translated and adapted to Portuguese population (Matos, Pinto-Gouveia, & Gomes, 2010) and showed great psychometric qualities like a high internal consistency (Cronbach's $\alpha = .96$) and good temporal stability ($r = .68$). The Cronbach's alpha for CES in the current study (.96) also reveals high internal consistency.

Early Memories of Warmth and Safeness Scale for Adolescents (EMWSS-A; Richter, Gilbert, & McEwan, 2009) was designed to measure recall of one's feeling warm, safe, and cared for in childhood. It is a 21-item scale rated on five-point *Likert* scale (0= *No, never*, 4= *Yes, most of the time*). The original study of this instrument revealed excellent internal consistency (Cronbach's $\alpha = .97$) and a good retest reliability with a correlation coefficient of $r = .91$. In this study was used the Portuguese version of this scale, translated and adapted to Portuguese adolescent population by Cunha, Xavier, Martinho, & Matos (2014) which showed great internal consistency (Cronbach's $\alpha = .95$) and a good retest reliability ($r = .92$). In the current study EMWSS-A showed an excellent internal consistency (Cronbach's $\alpha = .97$).

Shame

Other As Shamer (OAS; Goss, Gilbert, & Allan, 1994) is a self reported scale which measures the external shame (global judgments about "how I think that others look and think about me"). It consists of 18 items rated on a five-point *Likert* scale (0= *Never*; 4= *Almost Always*). The original study of this instrument revealed high internal consistency (Cronbach's $\alpha = .92$). The Portuguese version of this scale was adapted to

adolescents (Barreto Carvalho & Pereira, 2012, *non published manuscript*). In a recent study of Paulo and Rijo (2013, *non published manuscript*), with a communitarian sample of adolescents aged 14 to 19 years old, this scale revealed great internal consistency (Cronbach's $\alpha = .93$). In the present study this scale showed high internal consistency (Cronbach's $\alpha = .94$).

Coping with shame

Compass of Shame Scale (CoSS; Elison et al., 2006a) is a self-report scale and consists of 48 items that evaluate the use of four individual maladaptive styles of coping with shame, described by Nathanson's (1992) shame model. The response styles are assessed on four subscales: Attack Self (AS), Attack Other (AO), Avoidance (AV) and Withdrawal (WD). This scale presents twelve scenarios inducing shame, followed by four answer choices, common in every situation, referring to each of the subscales. Items are rated on a five-point *Likert* scale, (0= *Never*, 4=*Almost Always*), and the results show how often the subject meet each of the responses. In the original scale assessing Cronbach's alpha for the Attack Self was $\alpha = .91$, for the Attack Other was $\alpha = .85$, $\alpha = .74$ for Avoidance and $\alpha = .89$ to the Withdrawal. Portuguese version of this scale was translated and adapted to Portuguese adolescent population (Fonseca, Da Motta, Ribeiro da Silva, Brazão, & Rijo, 2013, *non published manuscript*) with the follow Cronbach's alpha values: $\alpha = .92$ for Attack Self, $\alpha = .86$ for Attack Other, $\alpha = .74$ for Avoidance, and $\alpha = .89$ for Withdrawal. In the current study the Cronbach's alpha for Attack Self was $\alpha = .92$, $\alpha = .83$ for Attack Other, $\alpha = .77$ for Avoidance, and for Withdrawal was $\alpha = .91$, revealing good internal consistency, in general.

Peer victimization

Peer Experiences Questionnaire - Revised (PEQ-R; Prinstein et al., 2001) is a self-report scale to assess youth's aggression and victimization among peers in the school context. The questionnaire also assesses the prosocial behavior among peers. The PEQ-R includes two sets of items: one to assess aggressive (and prosocial) behavior directed toward the teen (i.e., victims version – 18 items; e.g. “A *teen hit, kicked, or pushed me in a mean way*”), and other to assess teens' own aggressive (and prosocial) behavior toward peers (i.e., bully version – 18 items; e.g. “*I hit, kicked, or pushed another teen in a mean way*”). A factor analysis revealed four subscales on each version: Overt Aggression, Overt Victimization, Relational Aggression, Relational Victimization, Reputational Aggression, Reputational Victimization, Prosocial Behavior Toward Others and Receipt of Prosocial Behavior. For the current study we only analyse the subscales regarding the victimization (Overt, Relational and Reputational). In the original scale assessing Cronbach's alpha for the Overt Victimization (OV) was $\alpha = .78$, $\alpha = .84$ for the Relational Victimization (RV) and $\alpha = .83$ for Reputational Victimization (RepV). This questionnaire was translated and validated for the Portuguese adolescent population (Neto & Vagos, 2014, *non published manuscript*) and generally revealed acceptable to good internal consistency: $\alpha = .79$ for the Overt Victimization, $\alpha = .67$ for the Relational Victimization and $\alpha = .80$ for Reputational Victimization. In the current study, the Cronbach's alphas were: $\alpha = .75$ for the Overt Victimization, $\alpha = .61$ for the Relational Victimization and $\alpha = .82$ for Reputational Victimization, revealing acceptable to good levels of internal consistency.

In order to examine if there is a good fit between the model and the observed data, we tested the measurement model, using the Weighted Least Squares Means and

Variance Adjusted (WLSMV). Confirmatory Factor Analyses (CFA) revealed a poor adjustment to the data for *Centrality of Event Scale* (CES; $\chi^2=642.432$; $df=170$; $p < .001$; RMSEA=.13; $p < .001$; CFI=.95; TLI=.94; WRMR=1.34), *Early Memories of Warmth and Safeness Scale for Adolescents* (EMWSS-A; $\chi^2=492.966$; $df=189$; $p < .001$; RMSEA=.097; $p < .001$; CFI=.97; TLI=.96; WRMR=1.08) and *Other as Shamer* (OAS; $\chi^2=362.103$; $df=135$; $p < .001$; RMSEA=.097; $p < .001$; CFI=.95; TLI=.95; WRMR=1.05), according to the fit indices proposed by Hair, Black, Babin and Anderson (2009)¹. Since the purpose of the present study is not to make a psychometric analysis of the measures, the original single-factor model of the measures was maintained. On the other hand, we obtained good fit indices for *Coping with Shame Scale* (CoSS; $\chi^2=1759.396$; $df=1074$; $p < .001$; RMSEA=.06; $p < .001$; CFI=.92; TLI=.92; WRMR=1.30) and for *Peer Experiences Questionnaire - Revised* (PEQ-R; $\chi^2=94.895$; $df=71$; $p < .001$; RMSEA=.04; $p > .05$; CFI=.99; TLI=.98; WRMR=.69) (Hair et al., 2009).

Procedures

A set of self-report questionnaires designed to measure early memories, shame, coping with shame, and peer victimization was provided to participants. The sample was collected from the general population, recruited in four public middle and high schools, always with the presence of the responsible investigator. For this, the executive boards of these schools were contacted, the research aims were explained, and authorization from these school's boards and from adolescent's parents was obtained. In

¹ According to Hair and colleagues (2009), RMSEA' values under 0.08 with a CFI of 0.95 or higher, in a sample up to 250 subjects and a number of variables between 12 and 30 (CES, EMWSS-A, OAS, PEQ-R), revealed goodness of fit, and for a number of variables above 30 (CoSS), RMSEA' values under 0.08 with a CFI above 0.92 also indicates goodness of fit.

line with ethical requirements it was emphasized that the participants cooperation was voluntary and that their answers and identity would be kept confidential and would be used only for the purpose of the study. All adolescents completed the measures at the beginning of a class at the same time and order that the rest of their classmates.

Data Analysis

Statistical analyses were carried out using PASW Software, version 21 (SPSS, Chicago, IL, USA) and Mplus, version 6.12 (Muthén & Muthén, 2010), since our data do not follow a normal distribution. Initially, confirmatory factor analysis (CFA) was conducted in order to evaluate the validity of the measures' factorial models. Measures' goodness of fit indices were analysed according to the recommendations of Hair and colleagues (2009), as mentioned previously. Then, Pearson' correlation coefficients were performed to explore the relationships between variables.

In the meditational study, carried out with a path analysis, we tested whether the current levels of shame (OAS) and the shame coping styles (CoSS) mediated the effect of early memories (centrality of shame memories - CES and warmth/safeness memories - EMWSS-A) over peer victimization (Overt, Relational and Reputational forms- PEQ-R). Path analysis is a special case of Structural Equation Modeling (SEM) and considers the hypothetic casual relations between variables that have already been defined (Pilati & Laros, 2007; Kline, 2005; Schreiber et al., 2006). Structural equation modeling procedure estimates the optimal effect of one set of variables on another set of variables in the same equation, controlling for error (Byrne, 2010; Kline, 2005). According to Hoyle and Smith (1994) SEM has two advantages over analysis of variance or multiple regression analysis. First, SEM can evaluate the magnitude of relations among psychological constructs while controlling for measurement error associated with

fallible indicators of theoretical constructs. Second, it can estimate and evaluate multiple equations (i.e., unique and common paths) simultaneously in a single structural model. A maximum likelihood method was used to evaluate the regression coefficients significance. Effects with $p < 0.050$ were considered statistically significant. Model fit was evaluated using Chi-square (χ^2) test, Comparative Fit Index (CFI), Tucker-Lewis Index (TLI), Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) and Standardized Root Mean Square Residual (SRMR). Goodness of fit indices was evaluated according to Hair and colleagues (2009).

Results

Descriptives

Regarding early memories, the mean for CES was 51.06 (SD=19.64) and for EMWSS-A was 63.24 (SD=16.56). The mean for the measure of shame (OAS) was 25.47 with a standard deviation of 13.86. For the coping with shame scale (CoSS), the means are: 12.32 (SD=7.83) for Attack Other, 19.05 (SD=11.36) for Withdrawal, 20.32 (SD=8.02) for Avoidance, and 20.52 (SD=11.86) for Attack Self, what shows that the later was the most used strategy for coping with shame, in this study. Regarding peer victimization (PEQ-R), the mean for the overt form was 4.06, (SD=1.80), for the relational form was 5.16 (SD=2.07) and for reputational form was 5.24 (SD=2.53), showing that reputational victimization was the most common form of victimization in this sample.

Correlation analysis

Pearson's correlations were analysed², and here are present only the most relevant ones. The centrality of shame experiences (CES) showed a positive but weak correlation with the three forms of peer victimization (PEQ-R; OV: $r(176) = .24, p < .01$; RV: $r(176) = .29, p < .001$; RepV: $r(176) = .31, p < .001$). On the other hand, the warmth and safeness memories (EMWSS-A) were not significantly correlated with any form of peer victimization (OV/ RV/ RepV). Regarding to current levels of shame (OAS) there was a significant and positive association with all peer victimization forms, being weak for Overt Victimization (OV: $r(176) = .27, p < .001$) and moderate for Relational (RV: $r(176) = .41, p < .001$) and Reputational Victimization (RepV: $r(176) = .41, p < .001$). Concerning the correlation between shame coping strategies (CoSS AO/AS/AV/WD) and peer victimization (OV/RV/RepV), all strategies were positively and significantly associated with all forms of peer victimization (although weakly), except the Avoidance strategy (AV), which was not significantly correlated with any form of peer victimization. These correlations range from $r(176) = .16, p < .05$ (AO with RV) to $r(176) = .30, p < .001$ (WD with RepV). Also the association between the Withdrawal strategy (WD) and the overt form of peer victimization (OV) was not significant ($r(176) = .12, p > .05$).

Path Analysis

A model was proposed concerning the hypothesis previously elaborated, derived from previous studies' results and based on the theory. The model assumes the mediator effect of shame (OAS) and shame coping strategies (CoSS) in the relationship between early experiences (CES and EMWSS-A) and peer victimization (PEQ-R – Overt,

² Correlations were interpreted using Field (2009).

Relational and Reputational Victimization). The effect of each variable on peer victimization can be direct or mediated by shame and shame coping styles.

The structural equation model hypothesized was tested, using the Maximum Likelihood Estimator (61 parameters). Although Avoidance was not expected to have a direct effect on peer victimization, all the effects were tested in the original model. In this original model, the examination of recommended goodness of fit indices revealed a poor adjustment of the model ($\chi^2=22.123$; $df=4$; $p < .001$; RMSEA=.160; $p < .001$; CFI=.97; TLI=.71; SRMR=.03; Hair et al., 2009).

In this model, the following paths were not statistically significant: the direct effect of warmth/safeness memories (EMWSS-A) on Overt Victimization ($\beta= .013$, $p= .100$), on Relational Victimization ($\beta= .000$, $p= .980$) and on Reputational Victimization ($\beta= .009$, $p= .437$); the direct effect of Avoidance on Overt Victimization ($\beta= .013$, $p= .473$), on Relational Victimization ($\beta= -.002$, $p= .928$) and on Reputational Victimization ($\beta= .032$, $p= .180$); the direct effect of Withdrawal on Relational Victimization ($\beta= -.034$, $p= .186$) and on Reputational Victimization ($\beta= .007$, $p= .809$); the direct effect of Attack Other on Relational Victimization ($\beta= .010$, $p= .644$) and on Reputational Victimization ($\beta= .016$, $p= .565$); the direct effect of Attack Self on Relational Victimization ($\beta= .020$, $p= .368$) and on Reputational Victimization ($\beta= -.025$, $p= .354$).

Thus, these nonsignificant paths were excluded one at each time and the model, consisting of 48 parameters, was retested. Additionally, correlations between all coping styles were added as well, excluding Attack Self and Attack Other correlation, which was nonsignificant. These changes followed the considerations of software modification indices. The final model (Figure 1) presented good fit indices ($\chi^2=34.071$; $df=17$; $p < .05$; RMSEA=.07; $p > .05$; CFI=.98; TLI=.94; SRMR=.04; Hair et al., 2009). The

model explained 21% of current levels of shame, 50% of Attack Self, 18% of Attack Other, 58% of Withdrawal, 3% of Avoidance, 15% of Overt Victimization, 19% of Relational Victimization and 19% of Reputational Victimization.

Concerning the association between the centrality of shame memories (CES) and warmth and safeness memories (EMWSS-A), those kinds of memories were negatively correlated ($\beta = -63.99$, $p < .05$) which means that individuals with higher scores on the centrality of early experiences of shame report lower scores of early warmth and safeness experiences. Results showed also that both kinds of memories influence the current scores of shame (OAS). The centrality of shame memories predicted more strongly the current levels of shame ($\beta = .269$, $p < .001$) and early warmth and safeness memories predicted shame ($\beta = -.154$, $p < .05$) in the expected way. The centrality of shame memories (CES) also predicted the three forms of peer victimization (PEQ-R: OV/ RV/ RepV), in a positive way (OV: $\beta = .017$, $p < .05$; RV: $\beta = .016$, $p < .05$; RepV: $\beta = -.024$, $p < .05$), which means that the more central the memories of shame are to subject's identity, the more he/she is victim of peers aggression.

Regarding current levels of shame, as expected, OAS predicted all four shame coping styles (Attack Self: $\beta = .601$, $p < .001$; Withdrawal: $\beta = .621$, $p < .001$; Attack Other: $\beta = .241$, $p < .001$; and Avoidance: $\beta = .103$, $p < .05$). Additionally, OAS predicted all forms of peer victimization (OV: $\beta = .033$, $p < .05$; RV: $\beta = .052$; $p < .001$; RepV: $\beta = .060$; $p < .001$) which means that individuals who report higher levels of shame tend to be more frequently victims of peers.

In what concerns shame coping maladaptive strategies, as expected, Avoidance did not influence any form of peer victimization. Contrary to what was expected, only the Overt Victimization was predicted by shame coping strategies, namely Attack Self

($\beta = .038, p < .05$), Attack Other ($\beta = .041, p < .05$) and Withdrawal ($\beta = -.066, p < .01$).

This means that adolescents who deal with their shame feelings by attacking themselves or others, tend to be more victims of overt aggression. In turn, adolescents who cope with shame feelings by escaping for potential shaming situations, tend to be less victims of overt aggression.

Regarding indirect trajectories, although early experiences of warmth/safeness were not directly linked to any form of peer victimization, indirect paths have emerged as significant (but weak) when included the current levels of shame (EMWSS-A – OAS – RV: $\beta = -.008, p < .05$; EMWSS-A – OAS – RepV: $\beta = -.009, p < .05$) and the Withdrawal shame coping style (EMWSS-A – OAS – Withdrawal – OV: $\beta = .006, p < .05$), despite the later was not in the negative expected way.

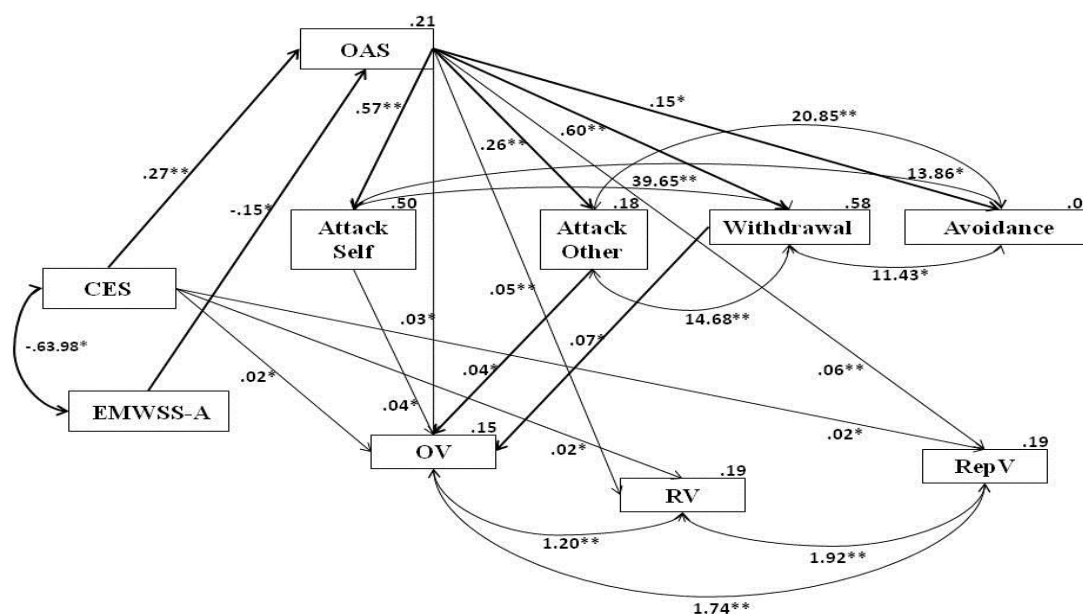


FIGURE 1.

Results of path analysis showing the relations among early memories (shame and warmth/safeness ones), shame, shame coping styles and peer victimization, with standardized estimates. For readability, error variances were not included.

Note: CES= Centrality of Event Scale; EMWSS-A= Early Memories of Warmth and Safeness Scale-Adolescent Version; OAS= Other as Shamer Scale; OV= Overt Victimization; RV= Relational Victimization; RepV= Reputational Victimization.

* $p < .05$; ** $p < .001$

Discussion

Shame experiences and shame feelings have been considered strong predictors of different kinds of psychopathology (Bennett et al., 2005; Gilbert et al., 1996; Stuewig & McCloskey, 2005). Despite this, the predictive role of shame in peer victimization is understudied. The relevance of this study lies in the lack of research about the role of shame on peer victimization in adolescence, being an attempt to bridge this gap in the research. Thus, this study explored the predictive role of the centrality of early shame and the absence of early warmth and safeness experiences on current levels of shame and in peer victimization. Additionally, the role of different shame coping strategies in different forms of peer victimization was explored.

We began to explore the relationship between the centrality of shame memories and early warmth and safeness memories. Consistently with the literature, our results showed a negative association between both types of memories, which means that individuals whose experiences of shame are central in their identity, may recall lower levels of warmth/safeness memories (and vice versa; Gross & Hansen, 2000; Lewis, 1992; Stuewig & McCloskey, 2005).

Regarding the influence of early memories in current levels of shame, results showed that individuals who reported higher centrality of shame memories and/or lower values of warmth and safeness memories seemed to report higher levels of shame feelings in the present. These findings are in line with previous research, i.e., individuals with higher levels of shame memories, and which current levels of shame are associated with the centrality of shame memories, tend to believe that they exist in a negative way in the mind of others, and judge themselves as non attractive, inferior or defective (Cunha et al., 2012; Matos et al., 2012; Pinto-Gouveia & Matos, 2011; Stuewig & McCloskey, 2005). Moreover, there is some evidence that individuals who

report higher levels of warmth and safeness memories tend to be less shame-prone, and to evaluate themselves and others in a more positive way (Cheng & Furnham, 2004; DeHart et al., 2006; Gross & Hansen, 2000; Mikulincer & Shaver, 2004).

Concerning the predictive role of early memories of shame on peer victimization, results showed that only the centrality of shame memories predicts the three types of peer victimization, both in a direct and in an indirect way. These results may indicate that those evoked memories can be memories of early victimization experiences, in which adolescents have felt ashamed. This possibility is in line with some literature that points out to re-victimization cycles, i.e., once a child is a victim of peer aggression, he/she is at risk for being a victim later (Finkelhor et al., 2007; Widom et al., 2008). In turn, memories of early experiences of lack of warm and safeness do not predict directly any form of peer victimization. These results appear to indicate that this kind of early experiences predicts only indirectly peer victimization (through shame feelings - the Relational and Reputational forms - and shame coping styles, namely Withdrawal – the Overt form), being shame an important variable for this association. Cunha and colleagues (2014) also suggests that, due to the developmental task of individual autonomy and progressive separation from the family environment, the positive emotional memories involving care givers, are less recalled or accessible in older adolescents.

Current levels of shame, on the other hand, predict direct and indirectly the three forms of peer victimization, supporting our initial hypothesis. The results are also in line with Menesini and Camodeca (2008) findings, in which victims of peer aggression have more feelings of shame than non victims. The Biopsychosocial Model of Shame (Gilbert, 2002) also can explain these results, once it states that external shame leads to internal and external attributions, fostering social exclusion, rejection and

stigmatization, i.e., issues of peer victims. Another possible explanation for this direct link between shame feelings and peer victimization, without the mediation of shame coping strategies, can be related to the fact that adolescents may be more conscious of the emotion/experience of shame than of the strategies they use to deal with it.

Contrary to what we expected, coping with shame strategies only relates directly and indirectly to Overt Victimization, not predicting Relational or Reputational Victimization. Thus, Overt Victimization is predicted by Attack Self, Attack Other and Withdrawal, as we hypothesized. Regarding the Attack Self, this link is in line with the literature about victim's characteristics, which are considered submissive, little confident, with low self-esteem and showing reverence and little assertiveness (Bijttebier & Vertommen, 1998; Naylor et al., 2001). Such characteristics match with Attack Self strategy, once it is an internalizing strategy of coping with shame, in which individuals blame themselves for the experience of shame, being self-critical and showing reverence to others, in order to be accepted (Elison et al., 2006a; Elison et al., 2006b). Furthermore, the literature points out that shame activate submission, in order to compete for social acceptance and to avoid losing social status (Pinto-Gouveia, Matos, Castilho, & Xavier, 2012). Aggressive peers note these fragilities and tend to choose these adolescents to be their victims (Perry et al., 1988; Perry et al., 1990).

The link between Attack Other and Overt Victimization is in line with some research which points out that victims may have self-control problems, difficulties in managing anger and impulsivity (Crick & Bigbee, 1998). Moreover, the literature has described one type of victims called "provocative victims", which irritate and provoke others, especially aggressors (e.g. Jensen-Campbell, Knack, Waldrip, & Ramirez, 2009). Thus, if they attack others when they feel ashamed, they may have more probability of being attacked, once their peers feel irritate (Hodges, Malone, & Perry,

1997). Concerning the negative relationship between Withdrawal and Overt Victimization, this result showed us that the more the adolescent escape from situations where he/she feel ashamed, the less the adolescent is victim of overt victimization. This makes sense, once if he/she runs away, he/she probably can escape from the aggressors, avoiding being a victim. However, concerning what is known about the functioning of peer victims, namely their social isolation, avoidance of contact with others and the attempt to go unnoticed (Bettencourt, Farrell, Liu, & Sullivan, 2013), this link could have been in a positive direction, once these are characteristics that form the central core of the Withdrawal shame coping strategy (Elison et al., 2006a; Elison et al., 2006b).

More difficult to explain is why these shame coping strategies only predicted Overt Victimization. One possible explanation may rely on the nature of this form of peer victimization, more visible and expressive, and because of that, more conscious to adolescents and more easily identifiable (Prinstein et al., 2001; Prinstein & Cillessen, 2003). Once they are more difficult to identify by adolescents as victimization forms, Relational Victimization and Reputational Victimization may not be associated by them with any coping with shame strategy - being only predicted by shame (which is more conscious because it is an emotion/experience, not a strategy, as already proposed above).

About the Avoidance shame coping strategy, results supported our initial hypothesis, since it is not associated with any type of peer victimization. Avoiding, like is described by Nathanson (1992), Elison et al. (2006a) and Elison et al. (2006b), seems to be an antagonistic form for victims to deal with shame, once their characteristics are not in line with this behavior (e.g. try to distract himself and others from the experience of shame, try to show-up above that experience). Avoidance seems to be a strategy

more typical among aggressors rather than victims, in order to protect the self, hiding shame from self and others, trying to continue in a perceived dominant/superior position (Gilbert, 2002).

In general, the results concerning the prediction of peer victimization (the three types) by these variables have little expression, once they have weaker predictive values, ranging from two to seven percent. This possibly happens due to schools where the sample of adolescents was collected, once they are schools where there are not known many conflicts among students. Maybe if we had collected data in schools with a more aggressive school climate, and if we had included this variable in the study, we could have found stronger associations.

Concluding, results indicate that early memories, shaming and warmth and safeness ones, have a relevant role in the current experience of shame feelings. Moreover, it seems that current feelings of shame predict directly and indirectly (through shame coping styles) the three types of peer victimization. Shame coping styles (Attack Self and Attack Other) may play an important role on the development and maintenance of peer victimization, namely Overt Victimization. Regarding the Withdrawal coping with shame strategy, this can function as a protective factor for Overt Victimization, since it helps to avoid the contact with the aggressive peer. Nonetheless, it continues to be a maladaptive shame coping style.

Limitations and future research

There are some limitations, which should be considered when interpreting the results of this study. The first limitation is linked to assessment: only self-report measures were used. Despite their psychometric proprieties, the assessment instruments are fraught with issues relating to reliability and validity as the answers depend entirely

on subjective responses. Moreover, some of them require the access to certain types of memories that can be influenced by the individual mood and may not correspond to a fully reliable recall. Therefore, future research should include other assessment methods and apply to other informants (parents, teachers, peers).

The second limitation is related to the sample size. Our sample of adolescents is relatively small and replications are needed in a large sample of boys and girls, and may be interesting to compare both groups in relation to shame coping styles and peer victimization. Additionally, may be important to explore this model in a sample with a more wide age range, or maybe to compare different ages. It is also interesting to collect data in more schools, with different school climates, to see if this variable affects peer victimization.

Finally, a third limitation is associated to the cross-sectional nature of the study, which does not allow us to make statements about the stability of this phenomenon within individuals. Prospective longitudinal studies are needed to explore how predictive shame might be of later and continuous peer victimization. Furthermore, this methodology would be advantageous to assess and explore the role of early experiences (of shame and warmth and safeness) in the development of current levels of shame, shame coping styles and peer victimization.

Despite all of these limitations, results indicate that shame and shame coping strategies play a role in peer victimization, although that role had few expression in this study. These findings and their implications should encourage greater contemplation of shame and shame coping styles when investigating peer victimization, in order to create prevention and intervention programs that teach skills and strategies to victims, so they can lead with and stop the victimization cycles (where victim once, victim forever).

References*

The whole references are presented in the general bibliography, at the end of this master thesis.

Discussão geral

Discussão dos Resultados

Ao desenvolver esta dissertação pretendeu-se, primeiramente, perceber qual o impacto das experiências precoces (centralidade das memórias de vergonha e memórias de calor e de afeto) nos níveis atuais de vergonha experienciados pelos adolescentes, nomeadamente vergonha externa. Em seguida, testou-se qual o impacto destas mesmas memórias nas três formas de vitimização por pares: aberta, relacional e reputacional. Posteriormente foi explorado o papel da vergonha atual em cada uma das formas de vitimização por pares. Por fim, mais do que a vergonha por si só, analisou-se se os estilos de *coping* com esta emoção poderiam estar a influenciar o facto de os adolescentes virem a ser vítimas de agressão (aberta, relacional e reputacional) pelos pares. Apesar de terem sido retiradas algumas conclusões pertinentes, é importante ressaltar que os resultados têm um carácter apenas exploratório, pelo facto de o estudo ter um desenho transversal e ter sido desenvolvido com um número limitado de sujeitos, bem como pela pouca expressividade dos valores encontrados nas relações entre as variáveis.

Este estudo tem um interesse particular, devido à inovação que o mesmo comporta, inserindo-se na rede de trabalhos de investigação mais amplos que estão em desenvolvimento no CINEICC (Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental). O que faz dele um estudo inovador é, por uma lado ser centrado no estudo do modo de funcionamento das vítimas dos pares, sendo que o mais comum é o estudo dos agressores; por outro lado, as variáveis do modelo estudado não haviam sido ainda associadas à vitimização por pares, embora pareça pertinente que se associem, devido ao papel que estas demonstram ter em diversas patologias.

Os principais resultados apontam para a existência de um papel preditor das memórias precoces, quer das referentes à centralidade da vergonha quer das de calor e afeto, nos níveis de vergonha experienciados atualmente, o que corrobora a literatura existente sobre o assunto (e.g. Cunha et al., 2012; Gilbert, 1998, 2002; Stuewig & McCloskey, 2005). A

centralidade das memórias de vergonha (ao contrário das memórias de calor e afeto) parece também ter uma influência importante na experiência de vitimização por pares, o que poderá significar que as memórias de experiências de vergonha vividas na infância são importantes para experiências futuras, nomeadamente para experiências de vitimização por pares. Aqui pode pensar-se que a experiência recordada pelos adolescentes possa já ter sido uma experiência com os pares, nomeadamente em que se foi vítima de algum tipo de agressão, pois dados da investigação sugerem a formação de ciclos de vitimização, em que experiências de re-vitimização são vividas ao longo da adolescência e seguintes fases da vida (Finkelhor et al., 2007; Widom et al., 2008). No que diz respeito às memórias de calor, afeto e segurança, os resultados encontrados não vão ao encontro da literatura existente, uma vez que neste estudo estas memórias não se encontram relacionadas significativamente com a experiência de vitimização por pares. A literatura tem destacado o papel protetor destas experiências positivas com os cuidadores face à vitimização por pares (Cava, Musito, Buelga, & Murgui, 2010; Espelage & Swearer, 2009; Lereya, et al., 2013), mas também tem sido comprovado que experiências precoces negativas, como o abuso, o maltrato e a rejeição, são fatores de vulnerabilidade para vir a tornar-se vítima pelos pares (Duncan, 2004; Lereya, et al., 2013). Uma possível explicação para não terem sido encontradas ligações entre estas memórias e nenhum dos tipos de vitimização por pares, pode residir no facto dos adolescentes que fazem parte da amostra estarem já numa fase de progressiva autonomia e individualização face à família. Adolescentes mais velhos tendem a recordar-se menos de memórias emocionais positivas vividas com os cuidadores, uma vez que estas memórias não estão tão acessíveis como para adolescentes mais novos (Cunha et al., 2014).

Por sua vez, os sentimentos de vergonha experienciados atualmente pelos adolescentes, parecem também ter um papel significativo para a experiência de vitimização por pares, nas suas três formas (aberta, relacional e reputacional), o que enfatiza o papel da vergonha na vitimização por pares (Menesini & Camodeca, 2008), acrescentando-a aos mais diversos quadros psicopatológicos que se relacionam com esta emoção (e.g. Allan et al., 1994; Irons & Gilbert, 2005; Matos et al., 2014). Embora os resultados sejam pouco expressivos, pode dizer-se que quanto mais sentimentos de vergonha o adolescente sente, maior o risco de ser vítima de agressão pelos pares.

Estes dados relacionam-se com o Modelo Biopsicossocial da Vergonha proposto por Gilbert (2002), no qual o autor afirma que a vergonha externa leva a que o sujeito faça atribuições internas e externas, que espoletam a exclusão social, a rejeição e o estigma, que são características das vítimas pelos pares. Pode ainda hipotetizar-se outra explicação para o facto de esta ligação existir sem a mediação dos estilos de *coping* com a vergonha: uma vez que são adolescentes poderão ainda não ter total consciência das estratégias que utilizam para lidar com a vergonha sentida, tendo noção apenas da experiência/emoção de vergonha, que é mais concreta e perceptível.

Ao contrário do que era esperado, os estilos de *coping* com a vergonha (Ataque-Self, Ataque-Outro e Fuga) apenas se relacionam com a Vitimização Aberta. Tal como foi hipotetizado, o estilo de *coping* com a vergonha Evitamento não se relaciona, nem direta nem indiretamente, com nenhum tipo de vitimização por pares, resultado que faz sentido, uma vez que não se enquadra com o que a literatura tem definido como sendo características das vítimas (e.g. falta de autoconfiança, mostra de reverência aos outros, utilização de estratégias de persuasão ineficazes; Perry et al., 1988; Perry et al., 1990).

Tendo em conta as vítimas de agressão aberta, aquilo que se verificou foi que estes adolescentes lidam com a vergonha que sentem de forma externalizante e internalizante, ou seja, com comportamentos de Ataque ao Outro e de Ataque ao Self. Em relação ao Ataque-Outro, este estilo de *coping* caracteriza-se pela não-aceitação da experiência de vergonha, tentando fazer alguém sentir-se pior (muitas vezes o responsável pelo surgir da vergonha) através da agressão física ou verbal (Elison et al., 2006a). Esta descoberta está em linha com alguma literatura que aponta para a existência de vítimas agressivas ou provocativas (Jensen-Campbell et al., 2009), que respondem de forma agressiva ao conflito com os pares, irritando-os (Hodges et al., 1997). Também Perry e colegas (1988) afirmaram que muitas das vítimas severas são também agressores. Já o Ataque-Self é uma estratégia de *coping* com a vergonha caracterizada pelo reconhecimento da experiência de vergonha, na qual o sujeito dirige a si a raiva sentida, adotando comportamentos de auto-criticismo, submissão, obediência e reverência com o objetivo de obter aceitação por parte dos outros (Elison et al., 2006a). Estes comportamentos estão de acordo com as características das vítimas (e.g. Fox & Boulton, 2005; Perry et al., 1988; Perry et al., 1990), o

que suporta este resultado.

Por fim, a relação do *coping* com a vergonha Fuga com a Vitimização Aberta aconteceu no sentido negativo, o que significa que os adolescentes que lidam com sentimentos de vergonha fugindo da experiência, tendem a ser menos vítimas de agressão aberta. No entanto, este estilo de *coping* é congruente com o que é conhecido acerca do modo de funcionamento das vítimas, nomeadamente com o isolamento social, o evitamento do contato com os outros e a tentativa de passar despercebido (Bettencourt et al., 2013), sendo que estes atributos são caraterísticos da estratégia de *coping* com a vergonha Fuga (Elison et al., 2006a; Elison et al., 2006b). Posto isto, talvez fosse expectável que a Fuga se relacionasse positivamente com a Vitimização Aberta, porém parece fazer igual sentido que a associação seja no sentido negativo, uma vez que ao fugir, possivelmente evitarão o contacto com o agressor.

Como já foi referido, os estilos de *coping* com a vergonha apenas se relacionaram direta e indiretamente com a Vitimização Aberta, não predizendo quer a Vitimização Relacional, quer a Vitimização Reputacional. Uma possível explicação para estes resultados pode estar no facto da Vitimização Aberta ser de natureza mais visível e expressiva, e por isso mais conscientemente identificável pelos adolescentes (Prinstein et al., 2001; Prinstein & Cillessen, 2003). Devido a serem formas de vitimização mais difíceis de identificar, a Vitimização Relacional e a Vitimização Reputacional podem não ter sido associadas a nenhum estilo de *coping* com a vergonha, sendo apenas preditas pelos sentimentos de vergonha atuais, sentimentos esses mais conscientes do que as estratégias utilizadas para lidar com eles (como já foi mencionado previamente).

Parece ainda pertinente sublinhar que a Vitimização Reputacional foi aquela em que os adolescentes desta amostra mais pontuaram, seguida pela Vitimização Relacional, sendo a menos frequente a Vitimização Aberta. Estes dados são congruentes com a literatura que sugere que as duas primeiras formas de vitimização são mais frequentes em adolescentes mais velhos, devido à complexidade cognitiva que envolvem, enquanto que a última é típica de crianças e adolescentes mais novos (e.g. Archer & Coyne, 2005; De Los Reys & Prinstein, 2004; Perry et al., 1988; Prinstein et al., 2001).

Em termos globais, indivíduos vítimas de agressão por parte dos

pares parecem ser influenciados pela centralidade das suas memórias de experiências envergonhadoras, bem como pelos seus sentimentos de vergonha atuais. As vítimas de agressão aberta parecem ainda adotar comportamentos de Ataque ao Outro e de Ataque ao Self, como forma de lidar com a vergonha que sentem. Estes comportamentos podem desencadear um vasto leque de emoções (raiva, culpa, desprezo) que podem, conseqüentemente, estar na base das características afetivas, interpessoais e comportamentais dos sujeitos vítimas de agressão aberta. Além disto, os adolescentes que utilizam a Fuga como estratégia de *coping* com a vergonha parecem ter menos probabilidade de ser vítima de agressividade aberta.

Apesar de algumas das conclusões retiradas estarem em linha com o que se tem verificado na investigação, é importante referir que os valores encontrados nos resultados deste estudo são pouco expressivos, revelando valores baixos (embora significativos) de associação entre as variáveis, o que exige especial atenção na análise destes dados e do seu significado.

Limitações e Estudos Futuros

Algumas limitações deste estudo podem servir de ponto de partida para a realização de futuras investigações tendo em conta o modelo aqui desenvolvido. Serão essas limitações que serão apresentadas neste ponto, com o objetivo de chamar a atenção para questões da investigação com relevância para estudos futuros.

Uma das limitações que este estudo apresenta, centra-se nas medidas utilizadas para avaliar as variáveis, todas elas de auto-relato, o que levanta questões de fiabilidade e validade, uma vez que as respostas dependem do relato subjetivo do sujeito. No estudo da vitimização por pares é conhecida a importância do recurso a múltiplas fontes, como os colegas, os professores e os pais, para uma avaliação mais global e fidedigna deste fenómeno entre pares (Cullerton-Sen & Crick, 2005; Fox & Boulton, 2005). Posto isto, em estudos futuros deve tentar-se recorrer a múltiplas fontes de informação, na tentativa de uma melhor compreensão das relações entre as variáveis estudadas no modelo aqui apresentado.

Outras limitações advêm da amostra em que foi testado este modelo. Em primeiro lugar, a amostra é relativamente pequena, o que pode ter condicionado os resultados, nomeadamente os fracos valores de ligação

entre as variáveis. Futuramente será importante replicar o estudo numa amostra maior, de modo a verificar se os resultados mostram valores de associação mais fortes. Em segundo lugar, os adolescentes incluídos no estudo representam apenas uma faixa etária da adolescência (dos 15 aos 19 anos), o que pode ter influenciado alguns dos resultados, como já foi explorado anteriormente. Seria interessante alargar a amostra a toda a faixa etária adolescente (dos 12 aos 19), por forma a verificar se existiriam alterações nos dados obtidos, uma vez que existem estudos onde foram encontradas diferenças, nomeadamente no tipo de agressão de que se é vítima (e.g. Nixon, Linkie, Coleman, & Fitch, 2011). Poderia ainda ser feita uma comparação do modelo por faixas etárias (adolescentes mais novos *versus* mais velhos), por forma a perceber se existem diferenças entre os dois grupos, nomeadamente na utilização de determinadas estratégias de *coping* com a vergonha e sua relação com os tipos de vitimização por pares. Em terceiro e último lugar, talvez fosse interessante fazer uma comparação do modelo por géneros, uma vez que a investigação existente aponta para diferenças de género no tipo de agressão que se sofre. As raparigas têm sido apontadas como mais vítimas de agressão relacional, enquanto que os rapazes mais vítimas de agressão aberta (Archer & Coyne, 2005; Cava et al., 2013; Crick & Bigbee, 1998; Nixon et al., 2011; Tran et al., 2012), embora não exista consenso na literatura sobre estes dados, e dependendo estes dos instrumentos utilizados para medir a vitimização e ainda das idades presentes na amostra estudada.

O facto de não se ter incluído o clima escolar como uma das variáveis do modelo estudado, pode também constituir-se como uma limitação, uma vez que a literatura ressalva a sua importância no desenvolvimento e manutenção da problemática da violência escolar, nomeadamente na vitimização por pares (Elssaesser et al., 2013; Goldstein et al., 2008; Preble & Gordon, 2011; Putallaz et al., 2007). Em investigações futuras talvez seja importante incluir esta variável, de forma a entender se a mesma tem influência nos resultados, e até fazer uma comparação do modelo por climas mais positivos *versus* mais negativos.

Sendo uma questão bastante presente e preocupante das sociedades atuais (APA, 2004), a vitimização por pares é responsável por diversos problemas de ajustamento psicossocial nos adolescentes (Crick & Bigbee, 1998; Cullerton-Sen & Crick, 2005; Loukas et al., 2012), bem como pelo seu

envolvimento em comportamentos de risco (e.g., fumar, beber, consumir drogas; Sullivan, et al., 2006). Posto isto, e face aos resultados deste estudo, parece pertinente continuar a investir no estudo das vítimas de agressão por pares, para desse modo aumentar o conhecimento acerca dos mecanismos de funcionamento destes jovens, bem como dos fatores que os colocam em risco e vulneráveis para virem a ser vítimas, para que se possa intervir desde cedo.

Com o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção na vitimização por pares baseados na vergonha e nos estilos de *coping* com essa emoção, poder-se-ia ajudar estes adolescentes a desenvolverem capacidades pessoais e sociais, bem como estratégias adaptativas para lidarem com as suas emoções e com os pares, para assim se tentar impedir a formação de ciclos de re-vitimização, em que vítima uma vez, vítima constantemente.

Bibliografia geral

- Allan, S., Gilbert, P., & Goss, K. (1994). An exploration of shame measures-II: Psychopathology. *Personality and Individual Differences, 17*, 719–722. doi:10.1016/0191-8869(94)90150-3.
- American Psychological Association. (2004, Fall/Winter). APA resolution on bullying among children and youth. *Clinical Child and Adolescent Psychology Newsletter, 19*(3), 5, 7.
- Archer, J., & Coyne, S. M. (2005). An integrated review of indirect, relational, and social aggression. *Personality and Social Psychology Review, 9*(3), 212-230. doi:10.1207/s15327957pspr0903_2.
- Bagwell, C. L., & Schmidt, M. E. (2011). The friendship quality of overtly and relationally victimized children. *Merrill-Palmer Quarterly, 57*(2), 158-185. doi:10.1353/mpq.2011.0009.
- Bennett, D., Sullivan, M., & Lewis, M. (2005). Young children's adjustment as a function of maltreatment, shame, and anger. *Child Maltreatment, 10*(4), 311-323. doi:10.1177/1077559505278619.
- Berntsen, D., & Rubin, D.C. (2006). The Centrality of Event Scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post-traumatic stress disorder symptoms. *Behavior Research and Therapy, 44*, 219-231. doi:10.1016/j.brat.2005.01.009.
- Bettencourt, A., Farrell, A., Liu, W., & Sullivan, T. (2013). Stability and change in patterns of peer victimization and aggression during adolescence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 42*(4), 429-441. doi:10.1080/15374416.2012.738455.
- Bijttebier, P., & Vertommen, H. (1998). Coping with peer arguments in school-age children with bully/victim problems. *British Journal of Educational Psychology, 68*, 387–394. doi:10.1111/j.2044-8279.1998.tb01299.x.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss* (Vol. 1). London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss* (Vol. 2). London: Hogarth Press.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. (2nd ed.) New York: Routledge Academic.
- Cairns, R. B., Cairns, B., Neckerman, H., Ferguson, L., & Gapiéry, J.

- (1989). Growth and aggression: 1. Childhood to early adolescence. *Developmental Psychology*, *25*(2), 320-330. doi:10.1037/0012-1649.25.2.320.
- Cava, M. J., Musitu, G., Buelga, S., & Murgui, S. (2010). The relationships of family and classroom environments with peer relational victimization: an analysis of their gender differences. *The Spanish Journal of Psychology*, *13*(1), 156-165. doi:10.1017/S1138741600003747.
- Cheng, H., & Furnham, A. (2004). Perceived parental rearing style, self-esteem and self-criticism as predictors of happiness. *Journal of Happiness Studies*, *5*, 1-21. doi:10.1023/B:JOHS.0000021704.35267.05.
- Cheung, M., Gilbert, P., & Irons, C. (2004). An exploration of shame, social rank and rumination in relation to depression. *Personality and Individual Differences*, *36*, 1143-1153. doi:10.1016/S0191-8869(03)00206-X.
- Crick, N. R., & Bigbee, M. A. (1998). Relational and overt forms of peer victimization: A multiinformant approach. *Journal of Counseling and Clinical Psychology*, *66*, 337-347. doi:10.1037/0022-006X.66.2.337.
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development*, *66*, 710-722. doi:10.1111/j.1467-8624.1995.tb00900.x.
- Cullerton-Sen, C., & Crick, N. R. (2005). Understanding the effects of physical and relational victimization: The utility of multiple perspectives in predicting social-emotional adjustment. *School Psychology Review*, *34*(2), 147-160. Retrieved from http://coeweb.gsu.edu/coshima/EPRS8550/articles/Victim_brandi.pdf
- Cunha, M., Matos, M., Faria, D., & Zagalo, S. (2012). Shame memories and psychopathology in adolescence: The mediator effect of shame. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, *12*(2), 203-218. Retrieved from <http://www.ijpsy.com/volumen12/num2/327/shame-memories-and-psychopathology-in-adolescence-EN.pdf>
- Cunha, M., Xavier, A., Martinho, I., & Matos, M. (2014). Measuring

- positive emotional memories in adolescents: Psychometric properties and confirmatory factor analysis of the Early Memories of Warmth and Safeness Scale. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 14(2), 245 - 259. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/560/56031293007.pdf>
- De Los Reys, A., & Prinstein, M. J. (2004). Applying depression-distortion hypotheses to the assessment of peer victimization in adolescents. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33(2), 325-335. doi:10.1207/s15374424jccp3302_14.
- DeHart, T., Pelham, B.W., & Tennen, H. (2006). What lies beneath: parenting style and implicit self-esteem. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42, 1-17. doi:10.1016/j.jesp.2004.12.005.
- Duncan, R. D. (2004). The impact of family relationships on school bullies and victims. In D. L. Espelage, & S. M. Swearer (Eds.), *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention* (pp. 227-244). Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Elison, J., Lennon, R., & Pulos, S. (2006a). Investigating the Compass of Shame: The development of the Compass of Shame Scale. *Social Behavior and Personality*, 34(3), 221-238. doi:10.2224/sbp.2006.34.3.221.
- Elison, J., Pulos, S., & Lennon, R. (2006b). Shame-focused coping: An empirical study of the Compass of Shame. *Social Behavior and Personality*, 34(2), 161-168. doi:10.2224/sbp.2006.34.2.161.
- Elsaesser, C., Gorman-Smith, D., & Henry, D. (2013). The role of the school environment in relational aggression and victimization. *Journal of Youth Adolescence*, 42, 235-249. doi:10.1007/s10964-012-9839-7.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2009). Contributions of three social theories to understanding bullying perpetration and victimization among school-aged youth. In M. J. Harris (Ed.), *Bullying, rejection & peer victimization: a social cognitive neuroscience perspective* (pp. 151-171). New York: Springer Publishing Company.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS: (and sex, drugs and rock 'n' roll)* (3rd ed.). Los Angeles: Sage Publications.
- Finkelhor, D., Ormond, R. K., & Turner, H. (2007). Re-victimization patterns in a national longitudinal sample of children and youth.

Child Abuse & Neglect, 31, 479-502.
doi:10.1016/j.chiabu.2006.03.012.

- Finkelhor, D., Turner, H. A., & Hamby, S. (2012). Let's prevent peer victimization, not just bullying. *Child Abuse & Neglect*, 36, 271-274. doi:10.1016/j.chiabu.2011.12.001.
- Fonseca, L., da Motta, C., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., & Rijo, D. (2013). A bússola da vergonha: dimensionalidade e características psicométricas da escala de *coping* com a vergonha em adolescentes. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2005). The social skills problems of victims of bullying: Self, peer and teacher perceptions. *British Journal of Educational Psychology*, 75, 313-328. doi:10.1348/000709905X25517.
- Gerhardt, S. (2004). *Why love matters: How affection shapes a baby's brain*. London: Bruner-Routledge.
- Gilbert, P., Allan, S., & Goss, K. (1996). Parental representations, shame, interpersonal problems, and vulnerability to psychopathology. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 3(1), 23-34. doi:10.1002/(SICI)1099-0879(199603)3:1<23::AID-CPP66>3.0.CO;2-O.
- Gilbert, P., Baldwin, M. W., Irons, C., Baccus, J. R., & Palmer, M. (2006). Self-criticism and self-warmth: An imagery study exploring their relation to depression. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 20(2), 183-200. doi:10.1891/jcop.20.2.183.
- Gilbert, P. & Irons, C. (2009). Shame, self-criticism, and self-compassion in adolescents. In N. B. Allen & L. B. Sheeber (Eds.), *Adolescent emotional development and the emergence of depressive disorders* (pp. 195-214). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gilbert, P. (1989). *Human nature and suffering*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilbert, P. (1995). Biopsychosocial approaches and evolutionary theory as aids to integration in clinical psychology and psychotherapy. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 2, 135-156. doi:10.1002/cpp.5640020302.
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. In P.

- Gilbert, & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture* (pp.3–36). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2000). Social mentalities: Internal ‘social’ conflicts and the role of inner warmth and compassion in cognitive therapy. In P. Gilbert & K. G. Bailey (Eds.), *Genes on the couch: Explorations in evolutionary psychotherapy*. Hove: Brunner-Routledge.
- Gilbert, P. (2002). Body Shame: A biopsychopathology conceptualisation and overview, with treatment implications. In P. Gilbert, & J. Miles (Eds.), *Body shame: Conceptualisation, research and treatment* (pp.3-54). London: Brunner-Routledge.
- Gilbert, P. (2005). Social mentalities: A biopsychosocial and evolutionary reflection on social relationships. In M.W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 299-335). New York: Guilford.
- Gilbert, P. (2010). Shame. In P. Gilbert (Ed.), *Compassion Focused Therapy* (pp.83-92). London: Routledge.
- Goldstein, S. E., Young, A., & Boyd, C. (2008). Relational aggression at school: Associations with school safety and social climate. *Journal of Youth Adolescence*, 37, 641-654. doi:10.1007/s10964-007-9192-4.
- Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures I. The “Other as Shamer Scale”. *Personality and Individual Differences*, 17, 713–717. doi:10.1016/0191-8869(94)90149-X.
- Gross, C. A., & Hansen, N. E. (2000). Clarifying the experience of shame: The role of attachment style, gender, and investment in relatedness. *Personality and Individual Differences*, 28, 897-907. doi:10.1016/S0191-8869(99)00148-8.
- Hair, J. F. Jr., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analyses* (7th ed.). Upper Saddle River: Prentice-Hall.
- Harris, M. J. (2009). Taking bullying and rejection (inter)personally: Benefits of a social psychological approach to peer victimization. In M.J. Harris (Ed.), *Bullying, rejection, & peer victimization: a social cognitive neuroscience perspective* (pp. 3-25). New York: Springer Publishing Company.
- Hodges, E. V. E., Malone, M. J., & Perry, D. G. (1997). Individual risk and social risk as interacting determinants of victimization in the peer

- group. *Developmental Psychology*, 33(6), 1032-1039. doi:10.1037/0012-1649.33.6.1032.
- Hodges, E., Peets, K., & Salmivalli, C. (2009). A Person x Situation Approach to understanding aggressive behavior and underlying aggressogenic thought. In M. J. Harris (Ed.), *Bullying, rejection, and peer victimization: A social cognitive neuroscience perspective* (pp. 125-150). New York: Springer.
- Hooge, I. E., Zeelenberg, M., & Breugelmans, S. M. (2010). Restore and protect motivations following shame. *Cognition and Emotion*, 24(1), 111-127. doi:10.1080/02699930802584466.
- Hoyle, R. H., & Smith, G. H. (1994). Formulating clinical research hypotheses as structural equation models: A conceptual overview. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62, 429-440. doi:10.1037/0022-006X.62.3.429.
- Irons, C., & Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: The role of attachment and social rank systems. *Journal of Adolescence*, 28, 325-341. doi:10.1016/j.adolescence.2004.07.004.
- Irons, C., Gilbert, P., Baldwin, M. W., Baccus, J. R., & Palmer, M. (2006). Parental recall, attachment relating and self-attacking/self-reassurance: Their relationship with depression. *British Journal of Clinical Psychology*, 45, 297-308. doi:10.1348/014466505X68230.
- Jensen-Campbell, L. A., Knack, J.M., Waldrip, A., & Ramirez, M. (2009). The importance of personality and effortful control processes in victimization. In M. J. Harris (Ed.), *Bullying, rejection, & peer victimization: A social cognitive neuroscience perspective* (pp. 103-124). New York: Springer Publishing Company.
- Kaufman, G. (1996). *The Psychology of Shame*. Springer Publishing Company.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford.
- Lagerspetz, K. M. J., Björkqvist, K., & Peltonen, T. (1988). Is indirect aggression typical of females? Gender differences in aggressiveness in 11-12-year-old children. *Aggressive Behavior*, 14, 403-414. doi:10.1002/1098-2337(1988)14:6<403::AID-AB2480140602>3.0.CO;2-D.

- Lereya, S. T., Samara, M., & Wolke, D. (2013). Parenting behavior and the risk of becoming a victim and a bully/victim: A meta-analysis study. *Child Abuse & Neglect, 37*, 1091-1108. doi:10.1016/j.chiabu.2013.03.001.
- Leskela, J., Dieperink, M., & Thuras, P. (2002). Shame and posttraumatic stress disorder. *Journal of Traumatic Stress, 15*, 223-226. doi:10.1023/A:1015255311837.
- Lewis, M. (1992). *Shame: The exposed self*. New York: The Free Press.
- Loukas, A., Ripperger-Suhler, K. G., & Herrera, D. E. (2012). Examining competing models of the associations among peer victimization, adjustment problems, and school connectedness. *Journal of School Psychology, 50*, 825-840. doi:10.1016/j.jsp.2012.07.003.
- Marsh, P., Allen, J. P., Ho, M., Porter, M., & McFarland, F. C. (2006). The changing nature of adolescent friendships: Longitudinal links with early adolescent ego development. *Journal of Early Adolescence, 26*, 414-431. doi:10.1177/0272431606291942.
- Matos, M. & Pinto-Gouveia, J. (2010). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 17*, 299-312. doi:10.1002/cpp.659.
- Matos, M., Ferreira, C., Duarte, C., & Pinto-Gouveia, J. (2014). Eating disorders: When social rank perceptions are shaped by early shame experiences. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 1-16*. doi:10.1111/papt.12027.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2012). Above and beyond emotional valence: The unique contribution of the central and traumatic shame memories to psychopathology vulnerability. *Memory, 20*(5), 461-477. doi:10.1080/09658211.2012.680962.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Gomes, P. (2010). A centralidade das experiências de vergonha: Estudo de validação da versão portuguesa da Escala da Centralidade do Acontecimento (CES). *Psicologia, XXIV*(1), 73-95.
- Menesini, E., & Camodeca, M. (2008). Shame and guilt as behavior regulators: Relationships with bullying, victimization and prosocial behavior. *British Journal of Developmental Psychology, 26*, 183-196. doi:10.1348/026151007X205281.
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations

- in adulthood: contents and processes. In W. S. Rholes & J. Simpson (Eds.), *Adult attachment: theory, research, and clinical implications* (pp. 159-195). New York: Guilford Press.
- Morrison, B. (2006). School bullying and restorative justice: Toward a theoretical understanding of the role of respect, pride, and shame. *Journal of Social Issues, 62*(2), 371-392. doi:10.1111/j.1540-4560.2006.00455.x.
- Muthén, L.K. & Muthén, B.O. (1998-2010). *Mplus User's Guide* (6th ed.). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Nathanson, D. L. (1987). *The Many Faces of Shame*. New York: Guilford University Press.
- Nathanson, D. L. (1992). *Shame and Pride*. New York: Norton.
- Naylor, P., Cowie, H., & del Rey, R. (2001). Coping strategies of secondary school children in response to being bullied. *Child Psychology and Psychiatry Review, 6*, 114–120. doi:10.1017/S1360641701002647.
- Neto, A., & Vagos, P. (2014). Medidas de agressão e vitimização em adolescentes portuguesas. Manuscrito não publicado, Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.
- Nixon, C. L., Linkie, C. A., Coleman, P. K., & Fitch, C. (2011). Peer relational victimization and somatic complaints during adolescence. *Journal of Adolescent Health, 49*, 294-299. doi:10.1016/j.jadohealth.2010.12.018.
- Olweus, D. (2010). Foundations for understanding bullying. In S. R. Jimerson, M. Swearer, S. Espelage, & L. Dorothy (Eds.), *The handbook of bullying in schools: An international perspective* (pp. 9–33). New York: Routledge.
- Paquette, J. A., & Underwood, M. K. (1999). Gender differences in young adolescents' experiences of peer victimization: Social and physical aggression. *Merrill-Palmer Quarterly, 45*, 242-266. Retrieved from <http://search.proquest.com/socialsciences/docview/230125943/fulltextPDF/69A1D44B00F54FD1PQ/1?accountid=43959>
- Paulo, M., & Rijo, D. (2013). Experiências precoces de vergonha, *coping* com a vergonha e traços psicopáticos em adolescentes. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Perry, D. G., Kusel, S. J., & Perry, L. C. (1988). Victims of peer aggression.

- Developmental Psychology*, 24, 807-814. doi:10.1037/0012-1649.24.6.807.
- Perry, D. G., Williard, J. C., & Perry, L. C. (1990). Peers' perceptions of the consequences that victimized children provide aggressors. *Child Development*, 61, 1310-1325. doi:10.1111/j.1467-8624.1990.tb02863.x
- Pilati, R., & Laros, J. A. (2007). Modelos de Equações Estruturais em Psicologia: Conceitos e Aplicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 205-216. doi:10.1590/S0102-37722007000200011.
- Pinto-Gouveia, J., & Matos, M. (2011). Can shame memories become a key to identity? The centrality of shame memories predicts psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25, 281-290. doi:10.1002/acp.1689.
- Pinto-Gouveia, J., Matos, M., Castilho, P., & Xavier, A. (2012). Differences between depression and paranoia: The role of emotional memories, shame and subordination. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 21(1), 49-61. doi:10.1002/cpp.1818.
- Preble, B., & Gordon, R. (2011). Transforming school climate and learning: Beyond bullying and compliance. Corwin: A Sage Company.
- Prinstein, M., & Cillessen, A. H. (2003). Forms and functions of adolescent peer aggression associated with high levels of peer status. *Merrill-Palmer Quarterly*, 49, 310-342. Retrieved from <http://search.proquest.com/docview/230092994/fulltextPDF?accountid=43959>
- Prinstein, M., Boergers, J., & Vernberg, E. M. (2001). Overt and relational aggression in adolescents: Social-psychological adjustment of aggressors and victims. *Journal of Clinical Child Psychology*, 30(4), 479-491. doi:10.1207/S15374424JCCP3004_05.
- Publication Manual of the American Psychological Association, 6th ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2010.
- Putallaz, M., Grimes, C. L., Foster, K. J., Kupersmidt, J. B., Coie, J. D., & Dearing, K. (2007). Overt and relational aggression and victimization: Multiple perspectives within the school setting. *Journal of School Psychology*, 45, 523-547. doi:10.1016/j.jsp.2007.05.003.
- Ranta, K., Kaltiala-Heino, R., Pelkonen, M., & Marttunen, M. (2009).

- Associations between peer victimization, self-reported depression and social phobia among adolescents: The role of comorbidity. *Journal of Adolescence*, 32, 77-93. doi:10.1016/j.adolescence.2007.11.005.
- Richter, A., Gilbert, P., & McEwan, K. (2009). Development of an early memories of warmth and safeness scale and its relationship to psychology. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 82, 171-184. doi:10.1348/147608308X395213.
- Rüsch, N., Lieb, K., Göttler, I., Hermann, C., Schramm, E., & Richter, H. (2007). Shame and implicit self-concept in women with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 164, 500-508. doi:10.1176/appi.ajp.164.3.500.
- Schore, A. N. (1994). *Affect regulation and the origin of the self: The neurobiology of emotional development*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Schreiber, J. B., Nora, A., Stage, F. K., Barlow, E. A., & King, J. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *Journal of Educational Research*, 99, 323-337. doi:10.3200/JOER.99.6.323-338.
- Shapiro, B. G., Hamilton, J. L., Liu, R. T., Abramson, L. Y., & Alloy, L. B. (2013). Internalizing symptoms and rumination: The prospective prediction of familial and peer emotional victimization experiences during adolescence. *Journal of Adolescence*, 36, 1067-1076. doi:10.1016/j.adolescence.2013.08.011.
- Siegel, R. S., La Greca, A. M., & Harrison, H. M. (2009). Peer victimization and social anxiety in adolescents: Prospective and reciprocal relationships. *Journal of Youth Adolescence*, 38, 1096-1109. doi:10.1007/s10964-009-9392-1.
- Sijtsema, J. J., Rambaran, A. J., & Ojanen, T. J. (2013). Overt and relational victimization and adolescent friendship: Selection, de-selection, and social influence. *Social Influence*, 8 (2-3), 177-195. doi:10.1080/15534510.2012.739097.
- Stuewig, J., & McCloskey, L. (2005). The relation of child maltreatment to shame and guilt among adolescents: Psychological routes to depression and delinquency. *Child Maltreatment*, 10(4), 324-336. doi:10.1177/1077559505279308.
- Sullivan, T. N., Farrell, A. D., & Kliewer, W. (2006). Peer victimization in

- early adolescence: Association between physical and relational victimization and drug use, aggression, and delinquent behaviors among urban middle school students. *Development and Psychopathology*, 18, 119-137. doi:10.1017/S095457940606007X.
- Tangney, J., & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt*. New York: Guilford Press.
- Tran, C. V., Cole, D. A., & Weiss, B. (2012). Testing reciprocal longitudinal relations between peer victimization and depressive symptoms in young adolescents. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 41(3), 353-360. doi:10.1080/15374416.2012.662674.
- Turner, H. A., Finkelhor, D., Hamby, S. L., & Shattuck, A. (2013). Family structure, victimization, and child mental health in a nationally representative sample. *Social Science & Medicine*, 87, 39-51. doi:10.1016/j.socscimed.2013.02.034.
- Widom, C. S., Czaja, S. J., & Dutton, M. A. (2008). Childhood victimization and lifetime re-victimization. *Child Abuse & Neglect*, 32, 785-796. doi:10.1016/j.chiabu.2007.12.006.
- Zimmer-Gembeck, M. J., Nesdale, D., McGregor, L., Mastro, S., Goodwin, B., & Downey, G. (2013). Comparing reports of peer rejection: Associations with rejection sensitivity, victimization, aggression, and friendship. *Journal of Adolescence*, 36, 1237-1246. doi:10.1016/j.adolescence.2013.10.002.